



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Joelma Alves de Carvalho Maciel

ALUNOS-TRABALHADORES DO CURSO NOTURNO DE PEDAGOGIA DA UFRJ:
REFLEXÕES SOBRE SUAS VIVÊNCIAS

Orientador principal: Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano
Segundo orientador: Igor Vinicius Lima Valentim

Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 2020



Joelma Alves de Carvalho Maciel

**ALUNOS-TRABALHADORES DO CURSO NOTURNO DE PEDAGOGIA DA UFRJ:
REFLEXÕES SOBRE SUAS VIVÊNCIAS**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção de título de licenciada em Pedagogia.

Orientador principal: Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano
Segundo orientador: Prof. Dr. Igor Vinicius Lima Valentim

Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 2020



Joelma Alves de Carvalho Maciel

**ALUNOS-TRABALHADORES DO CURSO NOTURNO DE PEDAGOGIA DA UFRJ:
REFLEXÕES SOBRE SUAS VIVÊNCIAS**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção de título de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alexandre Palma da Silva
Faculdade de Educação/UFRJ

Prof.^a Dr.^a Marta Lima de Souza
Faculdade de Educação/UFRJ

Prof. Dr. Igor Vinicius Lima Valentim (Segundo orientador)
NCE/UFRJ

Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano (Orientador principal)
Faculdade de Educação/UFRJ

Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 2020

Anexo 3: Ata de defesa de monografia.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos 15 dias do mês de 12 de 2020, com base na Resolução CEG nº 02, de 15 de abril de 2020, reuniu-se em sessão remota, que foi gravada, a Banca Examinadora da Monografia intitulada: ALUNOS TRABALHADORES DO CURSO NOTURNO DE PEDAGOGIA DA UFRRJ de autoria do(a) graduando(a) JOELMA AWES DE G. MAGALHÃES, DRE 111242690, do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

A Banca, participando por videoconferência, foi constituída pelos professores: MARTA LIMA DE SOUZA, ALEXANDRE PALMI DA SILVA e REUBEN GERBASSI SCOFANO este(a) na condição de orientador(a) e presidente da sessão. Às 10:00 h, a sessão foi aberta, convidando-se ao/à candidato(a) a fazer breve exposição sobre a monografia em julgamento e concedendo-lhe o prazo máximo de 20 minutos. Finda a exposição, passou-se a palavra aos participantes da Banca Examinadora, esclarecendo-se que cada um deles dispunha de até 10 minutos para sua arguição e que o/a candidato(a) dispunha do mesmo tempo para as respostas. Ao final da arguição, a Banca Examinadora analisou e decidiu reservadamente sobre a Monografia apresentada. A seguir, o/a presidente comunicou que a Banca Examinadora considerou a monografia APROVADA com a nota DEZ. O/A presidente da Banca Examinadora deu por encerrada a sessão às 12:00 h. E, para constar, eu, (nome completo), lavrei a presente ata que foi assinada por mim representando todo os membros da Banca e o/a candidato(a).

(nome completo – orientador(a))

Reuben Gerbassi Scofano

(nome completo – professor(a))

(nome completo – professor(a))

(nome completo – candidato(a))

Reuben Gerbassi Scofano

Nome completo do orientador(a)

Presidente da banca

Dedicatória

Aos meus pais que deram sim à minha vida e, contribuíram para realização dos meus sonhos. Ao meu esposo que em todas as circunstâncias me deu suporte para seguir em frente e não desistir!

AGRADECIMENTOS

Ao Deus de bondade, verdade e amor que me deu a vida e me permitiu chegar até aqui e à Sagrada Família que me inspira todos os dias!

Ao meu esposo Marcelo, por me apoiar em todas as circunstâncias e me motivar a não desistir.

Aos meus pais, por todo amor e dedicação a mim e à minha irmã e aos princípios e valores ensinados que carregamos até hoje.

À Faculdade de Educação da UFRJ, que me proporcionou a formação e o escopo necessário para alcançar o objetivo da graduação.

Aos meus orientadores, pelo tempo dedicado na orientação e todo o auxílio prestado no processo de realização deste trabalho.

Aos alunos do curso de Pedagogia da UFRJ, que participaram da pesquisa.

Aos examinadores da banca que aceitaram contribuir para esse momento ímpar na minha formação acadêmica.

E, enfim, a todos os que contribuíram para a realização deste trabalho, muito obrigada!

De certo modo eu não posso acreditar que existem alturas que não podem ser escaladas por um homem que conhece os segredos de transformar sonhos em realidade. Este segredo especial parece-me, pode ser resumido em quatro C: curiosidade, confiança, coragem, constância.

Walt Elias Disney

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como tema principal as reflexões sobre as vivências dos alunos trabalhadores do curso noturno de Pedagogia da UFRJ e as dificuldades enfrentadas na formação acadêmica concomitante ao trabalho, tendo como objetivos principais reconhecer a importância das duas funções e analisar seus desafios para a conclusão do curso. A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e com instrumento de coleta de dados. Esta pesquisa foi realizada através de um questionário previamente estruturado, respondido por 12 discentes do curso noturno de Pedagogia da UFRJ. O trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro, analisa-se o contexto histórico da Pedagogia no Brasil, bem como a implementação do turno noturno e, em seguida, o processo de formação da UFRJ e seu curso de Pedagogia. No segundo capítulo, foi dedicado à análise do questionário de 12 discentes, com ênfase nas histórias e desafios apresentados. Por fim, nas considerações finais defende-se que é necessária uma reflexão por parte da legislação e do Estado no que diz respeito ao aluno trabalhador. Cabe à instituição responsável por esses discentes compreender as suas necessidades, para que obtenham êxito em seu processo de formação mesmo diante dos desafios.

PALAVRAS-CHAVE: alunos trabalhadores, trajetória, estratégia, trabalho, estudo.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Idade dos discentes participantes da pesquisa	31
GRÁFICO 2: Sexo	31
GRÁFICO 3: Estado civil	32
GRÁFICO 4: Onde cursou o Ensino Médio	32
GRÁFICO 5: Nível de instrução do pai	32
GRÁFICO 6: Nível de instrução da mãe	33
GRÁFICO 7: Ano de ingresso no curso de Pedagogia	33
GRÁFICO 8: Você trabalhava antes de iniciar o curso?	34
GRÁFICO 9: O emprego, atualmente, é o mesmo antes de iniciar o curso?	35
GRÁFICO 10: Renda familiar (incluindo a sua)	35
GRÁFICO 11: Renda individual	35
GRÁFICO 12: Com quem você mora?	36
GRÁFICO 13: Qual a sua situação econômica?	36
GRÁFICO 14: Profissão	37
GRÁFICO 15: Local de trabalho	37
GRÁFICO 16: Quantidades de horas que compõem a sua jornada de trabalho	38
GRÁFICO 17: A casa onde você mora é:	38
GRÁFICO 18: Qual o meio de transporte utilizado para o deslocamento até a Faculdade? ..	39
GRÁFICO 19: Você costuma participar das atividades oferecidas pela Faculdade?	43

SIGLAS

ANDIFES - Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior

ANFOPE - Secretaria Municipal de Educação

CFCH- Centro de Filosofia e Ciências Humanas

CFE - Conselho Federal de Educação

CNE/CP– Conselho Nacional de Educação

ENADE– Exame Nacional de Educação Superior

FE – Faculdade de Educação

FMI- Fundo Monetário Internacional

FONAPRACE - Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e estudantis

FORUNDIR- Fórum de Diretores de Faculdade de Educação

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

UCDB - Universidade Católica Dom Bosco

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1: Panorama do curso de Pedagogia no Brasil.....	16
1.1: Ensino Superior Noturno no Brasil.....	20
1.2: O processo histórico da Faculdade de Educação da UFRJ	22
1.3: O ensino noturno na UFRJ	23
1.4: Desafios que encontrei como aluna trabalhadora no curso noturno de Pedagogia	25
1.5: Pesquisas realizadas sobre o universo do aluno trabalhador	27
Capítulo 2: Conhecendo o estudante do curso noturno de Pedagogia da UFRJ.....	30
2.1: Perfil dos alunos trabalhadores do curso noturno de Pedagogia da UFRJ	30
2.2: Escolhas e realidade dos alunos que trabalham.....	39
2.3: Estratégias dos alunos para conciliação entre estudo e trabalho	41
Considerações Finais	49
Referências Bibliográficas	52
Anexo: Questionário para os alunos	54

INTRODUÇÃO

“Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses” (ALVES, 2006, p.83)

Essa pesquisa aborda as reflexões sobre as vivências dos alunos trabalhadores do curso noturno de Pedagogia da UFRJ. Não poderia, antes de tratar desse assunto, deixar de refletir sobre a minha própria vivência relatando toda a minha trajetória educacional até hoje, fazendo memória de eventos marcantes na minha vida, transformando-se em um mosaico. Cada peça, por menor que seja, é importante, pois diz respeito às minhas experiências com todos os seus aspectos.

“A história é feita com o tempo, com a experiência do homem, com suas histórias, com suas memórias.” (TOLEDO e SOLIGO, 2005, p.1)

Toda a minha trajetória escolar, que inicia no Ensino Fundamental e vai até Ensino Médio, cursei em escola pública, entre os anos de 1983 e a conclusão do Ensino Médio foi no ano de 1996. Fiz o Ensino Fundamental I na Escola da Rede Municipal que se chamava Cantagalo, mas o nome mudou e atualmente chama-se Escola Municipal Edna Poncioni Ferreira localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro no bairro da Lagoa. Meus pais são nordestinos com Ensino Fundamental incompleto, meu pai trabalhava como porteiro em um edifício em Copacabana onde morávamos, e minha mãe era do lar e para ajudar nas despesas de casa, vendia quitutes “maravilhosos”, em minha opinião, como bolos e salgados. Ela muitas vezes ficava com a sua cesta de guloseimas na porta da escola esperando por mim e minha irmã e também vendendo. Inseri essa história dos meus pais, pois eles foram nossos incentivadores na educação e na vida, todo o esforço deles não nos deixou faltar o material, uniforme e tudo o mais que a escola solicitava e tantas outras necessidades, não só físicas, como também o exemplo de amor, luta e entrega por aqueles que amam.

Essa escola tinha uma equipe de gestores, professores e tantos outros funcionários que me recordo saudosamente com alegria, todos comprometidos com a integridade e educação das crianças. Recordo-me dos diversos eventos promovidos como festa junina, festa dos pais etc. No momento da entrada, antes dos alunos irem para as salas, o Hino Nacional era tocado e todos cantavam formados em filas por turmas para hastear a bandeira do Brasil. As crianças na medida do possível se mantinham em suas posições.

A matéria com que mais me identificava era o Português e a que tinha maior dificuldade era a Matemática, por isso gostava menos. Uma técnica que os alunos usavam muito era decorar o conteúdo. Percebo que é uma técnica importante, no entanto, somente para alguns conhecimentos, já que em outros era essencial entendê-los e não simplesmente decorá-los. Muitos alunos, inclusive eu, decoravam a matéria somente para tirar nota boa na prova e com o

decorrer do tempo essa mesma matéria era esquecida, útil somente naquele momento tornando-se simplesmente um conteúdo e não aprendido, ou seja, sem sentido.

Na maioria das salas de aula a metodologia usada é tradicional: o professor passa o conteúdo, explica; o aluno ouve, copia e eventualmente pergunta; a principal operação de pensamento é a memorização. O dia a dia das aulas é rotineiro, o trabalho docente exige esforço, mas não requer a preocupação de criar, de usar estratégias ou técnicas diferenciadas que provoquem o pensar, o refletir, o concluir. (FONSECA, 2008, p.13)

Nos tempos de hoje, em que as transformações ocorrem rapidamente na sociedade, é um desafio para a escola e professores acompanharem essas mudanças atendendo às suas demandas, no que diz respeito à formação do aluno e nem sempre as escolas acompanham. O professor tem um papel essencial na educação do aluno, porque é de sua inteira responsabilidade a condução do processo de ensino. As escolas e professores têm um grande desafio hoje, principalmente, as escolas públicas, pois existe um grande número de alunos sem a mínima condição de aprendizagem porque não dispõe de condições básicas como alimentação, apoio familiar dentre outras situações. Em salas de aulas, como vivenciei no estágio dos Anos Iniciais em uma escola pública, nas quais existe um número elevado de alunos com diversas dificuldades, é quase impossível a somente um professor atender à demanda de cada aluno, causando nele às vezes frustração, desânimo ou até mesmo algum tipo de enfermidade.

Tenho boas recordações da escola onde fiz os Anos Iniciais, os professores respeitavam os alunos e vice-versa, havia determinada ordem e disciplina, o convívio entre as crianças era muito bom. O tempo que passei nessa escola me fez uma criança feliz. Entretanto foi necessária a mudança de escola, pois o seu ensino era somente até o 5.º ano, 4.ª série do antigo Ensino Fundamental 1. Portanto, foram indicadas escolas aos responsáveis para os seus filhos que iriam iniciar os Anos Finais, o antigo Ensino Fundamental 2, ou seja, do 6.º ao 9.º ano, na época, da 5.ª a 8.ª série. Sendo assim, iniciei o novo ciclo de ensino na Escola Municipal George Pfisterer, localizada na Zona Sul da cidade no bairro do Leblon. Alguns amigos da antiga escola me acompanharam, mas também fiz outras amizades nessa nova escola que me acompanharam por um longo período até mesmo fora dos muros escolares. Tornou-se um tempo de assumir maior responsabilidade. Já íamos, eu e minhas amigas sozinhas, para escola, os meus pais me acompanhavam, caso fosse necessário. Lembro-me que não houve dificuldade de adaptação do ambiente, somente na administração dos estudos, pois eram muitos conteúdos. Além das matérias comuns como Português, Matemática dentre outras, tínhamos aulas de idiomas (Inglês, Francês, Espanhol), Artes, Educação Física e Música.

A escola controlava a frequência dos alunos com a lista de cada disciplina juntamente com uma caderneta contendo a foto e dados de identificação do aluno carimbada diariamente e, caso tivesse alguma suspensão ou outras ocorrências, eram registradas pelo inspetor que solicitava o visto dos pais. Era uma forma de manter certa ordem na escola com os alunos.

Recordo-me de bons professores, onde até mesmo numa forma descontraída transmitia o conteúdo que para muitos era cansativo.

Tanto o modo positivo de pensar quanto o negativo são importantes na situação certa, mas com muita frequência as escolas enfatizam o pensamento crítico e analítico e o seguimento de regras em vez do pensamento criativo e da aprendizagem de coisas novas. A consequência é que as crianças classificam o apelo para ir à escola pouco acima de uma ida ao dentista. No mundo moderno, acredito que tenhamos chegado finalmente a uma era na qual terá cada vez mais êxito ao pensamento criativo – sim, e até a alegria – do que o seguimento mecânico de ordens. (SELIGMAN, 2011, p.93)

As aulas de música eram divertidas, aprendi muitos hinos e canções a partir dessas aulas. Recordo-me também das aulas de artes, onde aprendi a diferença entre as cores primárias e secundárias, que da mistura das tintas surgiam novas cores. Além da criação da rubrica que faço uso até hoje, aprendizados que para mim ficaram marcados. Considero essas aulas de efeito potencializador, se bem conduzidas despertam a criatividade do aluno e futuramente o seguimento profissional nessas áreas.

Porque é preciso imaginação, criatividade, persistência, vontade e gosto pela atividade docente. Ao professor de hoje cabe a arte de despertar a curiosidade no aluno e ainda organizar a sala de aula, manter a disciplina. Posto dessa forma tão simples, para quem não conhece a realidade de uma sala de aula, pode até parecer uma tarefa simples, mas diante do contexto social em que vivemos conseguir despertar a curiosidade de nossos alunos, manter a atenção e a disciplina é uma verdadeira arte. (FONSECA, 2008, p.8)

O ato docente não é uma tarefa fácil. Para o professor é um exercício diário pôr em prática todas essas forças citadas pelos autores acima, para torná-las ações positivas e eficazes é necessário, sobretudo, refleti-las.

Enfim, cheguei ao Ensino Médio já em outra instituição, desta vez, uma escola do Estado localizada também na Zona Sul da cidade no bairro de Copacabana, Escola Estadual Pedro Álvares Cabral. Nesse período de três anos, me recordo que houve uma greve expressiva e, além disso, uma significativa mudança na minha vida e da minha família, pois meu pai foi demitido e o seu emprego mantinha a nossa moradia, sendo assim tivemos que procurar um imóvel para alugar, passando por diversas situações desafiadoras e adaptações necessárias ao momento vivido, incluindo o meu trabalho no contraturno escolar. Mesmo diante das mudanças e dificuldades, consegui concluir o Ensino Médio no tempo previsto de três anos.

Após o término do Ensino Médio, fiz um curso preparatório para ingressar na graduação e logo tentei o vestibular para a universidade pública, mas não obtive êxito. Tentei o vestibular para uma universidade privada, e consegui, iniciando o curso de Administração. Estudei durante dois anos, contudo não concluí o curso em virtude de dificuldades financeiras. Anos depois tentei novamente o vestibular para algumas universidades públicas, incluindo a UFRJ, que ainda tinha o acesso à graduação por duas formas: seleção pelo ENEM e concurso de acesso próprio. No ENEM não tinha obtido a nota de corte para nenhum dos cursos desejados, inclusive, a Pedagogia. E na prova da UFRJ a classificação já tinha sido divulgada e o meu nome não estava

na lista de aprovados, dias depois foi divulgada uma nova lista de reclassificação e um amigo informou que eu estava dentre os reclassificados. E a partir daí iniciei o curso de Pedagogia na UFRJ.

Analisando o referencial teórico, percebo que a minha trajetória na graduação me é possível interpretá-la sob duas perspectivas, caracterizada por perfis denominados pela autora Foracchi (1965, p.88) que descreve as relações entre o jovem e a família referente à subsistência econômica determinando um elo dependente ou autônomo, influenciando o jovem na maneira de se comportar, condutas e princípios. A autora classifica três critérios de auto-sustentação econômica do estudante na graduação, a saber: “totalmente mantidos pelos pais”, “parcialmente mantido pelos pais” e “totalmente independente dos pais”. Baseado nessa análise Romanelli (1995, p.453) demonstra três perfis para o estudante do ensino superior no que diz respeito à sua auto-subsistência econômica durante a graduação. São eles: o estudante em tempo integral que é totalmente mantido pela família e é possível a dedicação completa aos estudos em qualquer período do dia. O segundo perfil denomina-se estudante-trabalhador, que é em parte mantido pela família e, por fim o trabalhador-estudante, diferente do anterior, não depende financeiramente da família, pelo contrário, colabora no orçamento familiar.

Antes de iniciar a primeira graduação já me encontrava na trajetória estudo-trabalho, ainda sendo parte mantida pela minha família. E, após a saída da casa dos meus pais tornei-me uma trabalhadora-estudante sem vínculo financeiro familiar, tornando-me totalmente responsável pela minha formação e minha subsistência econômica continuando assim até hoje. E essa é uma realidade vivida por muitos cidadãos que, em busca de uma qualificação profissional, ascensão social e, melhores empregos dentre outras necessidades, deparam-se com a realidade trabalho e estudo.

Hoje escrevo esse trabalho de conclusão com sentimentos de alegria, compaixão e gratidão, não somente para obtenção do meu diploma e simplesmente receber um grau de titulação, mas também com essa conquista comemorar com pessoas que foram fundamentais em todo esse processo, incluindo aqueles que participaram dessa pesquisa possibilitando um dos exercícios do pedagogo que é a investigação.

Os sujeitos dessa pesquisa tornaram-se objetos de estudo para demonstrar ao leitor a reflexão e vivência gerada nessa monografia. O objetivo foi dar atenção e voz aos alunos trabalhadores refletindo as suas experiências e vivências ao longo dessa graduação. Recordo-me, também, escrevendo essas linhas que na minha mais tenra idade tinha o hábito de brincar com as bonecas e minhas amigas de professora, e percebo que essa graduação é também a realização de um sonho de criança que hoje se concretiza. Percebo ainda, que o campo de atuação da Pedagogia é vasto, não somente exercendo a docência que se denomina pedagogo, pois está além de simplesmente ensinar. O educador pode exercer o saber pedagógico em diversos espaços no

qual está inserido. Eu trabalho na secretaria acadêmica de uma escola de pós-graduação, atendo diversos alunos e professores e busco no meu cotidiano de maneira intrínseca e extrínseca exercer o meu papel de pedagoga no ambiente de trabalho, para tanto, agir de maneira reflexiva e crítica em cada situação, vislumbrando dar continuidade na minha vida, pois a função do pedagogo está além da instituição e, sim no interior daquele que ensina e aprende.

Desejo que o leitor ao discorrer sobre esse texto tenha um olhar reflexivo sobre as experiências, relatos, questionamentos, dores e alegrias de alunos que enfrentam um longo percurso com batalhas desafiadoras para terem êxito no final e conseguir o tão sonhado diploma de graduação.

O meu objeto de pesquisa se baseou nas reflexões das vivências dos alunos trabalhadores do curso noturno de Pedagogia da UFRJ. O interesse por esse tema surgiu da minha vivência em ter que conciliar trabalho e estudo, e assim me dispus a buscar as histórias dos alunos trabalhadores, como eu, que enfrentam inúmeros desafios pela dupla jornada para a conclusão da graduação.

A curiosidade para conhecer essas histórias e os desafios enfrentados nessa jornada estimulou-me a buscar teóricos que me auxiliassem na resposta dos meus questionamentos a respeito de como o estudo e trabalho fazem parte da vida de inúmeros indivíduos.

A partir disso, busquei analisar o contexto histórico do curso de Pedagogia no Brasil bem como o início dessa graduação na UFRJ, e por fim, a oferta do curso em período noturno nas universidades brasileiras para tentar entender qual a motivação dos indivíduos a buscarem o trabalho e estudo.

A presente monografia apresenta aos leitores o contexto histórico do curso de Pedagogia no Brasil, bem como o início dessa graduação na UFRJ, além da oferta do turno noturno. Após essa contextualização histórica, a pesquisa apresenta situações do percurso acadêmico dos alunos trabalhadores, abordando o trabalho e estudo, as estratégias e os desafios enfrentados através dos seus relatos. Compõe-se de estudo bibliográfico e da técnica do questionário como instrumento em pesquisa de escala reduzida, a fim de coletar informações para a realização de análises a partir dos relatos de amostra de discentes do curso noturno de Pedagogia da UFRJ.

Portanto, desejo com esta monografia poder ajudar em possíveis respostas para alguns questionamentos dos envolvidos no contexto da educação que desejam ampliar seus conhecimentos sobre o tema, auxiliando-os na compreensão da realidade na qual está inserido o discente que trabalha.

O problema central deste estudo se resume às seguintes questões: Como compreender as demandas da Pedagogia no Brasil e, por conseguinte, na UFRJ e demais legislações educacionais do curso em questão? Como compreender o processo histórico em relação ao

surgimento do turno noturno? Como compreender a relação do discente entre estudo e trabalho? O que levou o discente ao trabalho em concomitância ao estudo? Como compreender a realidade dos alunos frente aos desafios de estudo e trabalho? Quais estratégias que os discentes utilizam para atender às exigências do trabalho e da graduação, considerando que mesmo a graduação sendo em turno noturno, é obrigatória a realização de estágios supervisionados, que em grande parte a realização será durante o dia? Foram essas as principais questões que nortearam a elaboração desta monografia.

O currículo que ora está sendo apresentado, amplia a perspectiva de atuação profissional dos alunos titulados, que, após um curso denso e com duração de quatro anos e meio no turno vespertino e de cinco no turno noturno, estarão em condições de desenvolver a prática pedagógica em diferentes áreas - e não mais em apenas uma -, o que aumentará suas chances de inserção no mercado de trabalho. O novo currículo aqui proposto oferece ao licenciado em Pedagogia cinco áreas concomitantes de atuação que abrirão um leque de possibilidades ao egresso. São elas:

- 1- Docência na Educação Infantil
- 2- Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental
- 3- Docência nas Disciplinas Pedagógicas do Curso Normal (modalidade do Ensino Médio)
- 4- Docência na Educação de Jovens e Adultos
- 5- Gestão de Processos Educacionais (FE-UFRJ, 2015, p. 10)

A análise de todo esse contexto visa colaborar para ações dos envolvidos no processo educativo, incluindo sujeitos responsáveis pela organização proporcionando a eles um olhar ainda mais atento ao ato docente.

A presente pesquisa, em se tratando do referencial teórico, baseia-se em documentos legais que apresentam todo o contexto histórico da educação superior e especificamente o curso de Pedagogia, bem como os desafios dos estudantes no ingresso à graduação, principalmente aqueles que trabalham, além de avaliações institucionais, projetos pedagógicos e propostas curriculares do curso. A utilização desse material tem como objetivo fazer com que os sujeitos e o campo pesquisados se encontrem nessa realidade ao qual estão inseridos.

Esta monografia está organizada em dois capítulos. Na introdução, apresento o meu memorial e contextualizo o trabalho, com suas questões, pertinência e objetivos. No primeiro capítulo, analiso o panorama histórico do curso de Pedagogia, bem como o surgimento do turno noturno no Brasil. Na seção seguinte é demonstrado o processo histórico da Faculdade de Educação da UFRJ e também o início do turno noturno. Ainda no primeiro capítulo abordo os desafios que encontrei como aluna trabalhadora na Faculdade de Educação da UFRJ e, por fim, algumas pesquisas realizadas sobre o universo do aluno trabalhador.

No segundo capítulo apresento a análise do questionário respondido por 12 discentes do curso noturno de Pedagogia da UFRJ. Partindo dessa análise torna-se conhecido alguns estudantes, o seu perfil, escolhas e realidades. Além das estratégias para conciliação entre estudo e trabalho. E, por fim, exponho as considerações finais sobre o trabalho.

CAPÍTULO 1- PANORAMA DO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL

A Pedagogia no Brasil tem marcos que delimitam a história de transformação ao longo de décadas. Diversos documentos e decretos, a saber: Decreto-Lei 1.190/1939, Parecer nº 251/1962, Parecer nº 252/1969, CNE/CP nº 5/2005, CNE/CP nº1/2006 normatizaram o curso para que sua estrutura hoje atendesse à população no âmbito da educação e suas inúmeras vertentes. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais, na estruturação do curso é necessário ter um olhar atento aos princípios constitutivos e legais; a disposição federativa do Estado Brasileiro; às múltiplas manifestações da sociedade, diversidades de ideias e conceitos pedagógicos; a atribuição de cada estabelecimento de ensino e dos docentes para gestão democrática.

Na organização do curso de Pedagogia, dever-se-á observar, com especial atenção: os princípios constitucionais e legais; a diversidade sociocultural e regional do país; a organização federativa do Estado brasileiro; a pluralidade de ideias e de concepções pedagógicas, a competência dos estabelecimentos de ensino e dos docentes para a gestão democrática. (BRASIL, 2004, p. 6)

O primeiro marco da Pedagogia no Brasil foi o Decreto-Lei 1.190 aprovado em 04 de abril de 1939 no governo Getúlio Vargas, onde foi criada a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil que compreendia as faculdades de Filosofia, Ciências e Pedagogia como seções.

Art. 2º A Faculdade Nacional de Filosofia compreenderá quatro seções fundamentais, a saber:

a) seção de filosofia; b) seção de ciências; c) seção de letras; d) seção de pedagogia.

§ único. Haverá, ainda, uma seção especial de didática.

Art. 3º A Faculdade Nacional de Filosofia ministrará:

a) cursos ordinários; b) cursos extraordinários.

§ 1º Os cursos ordinários serão os constituídos por um conjunto harmônico de disciplinas, cujo estudo seja necessário à obtenção de um diploma.

§ 2º Os cursos extraordinários serão de duas modalidades, a saber:

a) cursos de aperfeiçoamento, destinados à intensificação do estudo de uma parte ou da totalidade de uma ou mais disciplinas dos cursos ordinários;

b) cursos avulsos destinados a ministrar o ensino de uma ou mais disciplinas não incluídas nos cursos ordinários.

Art. 7º A seção de pedagogia constituir-se-á de um curso ordinário: curso de pedagogia.

Art. 8º A seção especial de didática constituir-se-á de um só curso ordinário denominado curso de didática. (BRASIL, 1939)

A Pedagogia era compreendida como ensino superior profissionalizante voltada ao mercado de trabalho, dividida em dois segmentos: o bacharelado como o técnico em educação e a licenciatura como estudos sobre a forma de ensinar, sendo complementada com o curso de Didática.

O que sabemos disso, pela história da educação, é que em 1939 o curso de Pedagogia foi criado para formar técnicos de educação e licenciados em Pedagogia em nível superior, enquanto os professores para o antigo Ensino Primário eram formados em Curso Normal. (LIBÂNEO, 2007, p.11)

Havia muitas incertezas na função do pedagogo que influenciaram no desenvolvimento da licenciatura da Pedagogia e essa estrutura curricular estabelecida pela Lei n.º 1.190/1939 permaneceu, de acordo com Saviani (2008), até a aprovação da LDB 4.024/1961.

Marcado por uma pseudo-identidade, passo a passo, o curso de Pedagogia foi ocupando lugar periférico no contexto das licenciaturas que já eram periféricas no elenco dos demais cursos superiores, porque percebidas como cursos de segunda categoria. Os professores mais bem preparados na universidade não se dedicavam ao curso de Pedagogia. (BRZEZINSKI, 1996, p.46)

Na década de 60 alguns setores do campo da educação movimentam-se em defesa da formação dos professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental no curso de Pedagogia em nível superior. Segundo Libâneo (2007), a primeira menção sobre o assunto na legislação está no Parecer anexo à Resolução 251/62. Essa resolução estabelecia como função para o curso de Pedagogia formar especialistas e os professores para os Cursos Normais e o Parecer dessa Resolução indicava a possibilidade de formação do professor primário em nível superior.

Logo em seguida surgiu o Parecer 252 de 1969, segundo Libâneo (2007, p.12) define a estrutura curricular para o curso de Pedagogia, confirmando assim sua função na formação de professores para o Ensino Normal e a formação de especialistas para aqueles que têm como funções tais como, orientação educacional, administração escolar, supervisão etc.

§ 2º Os estudos básicos e de conteúdo para a formação de professores e os estudos básicos para a formação de especialistas de educação serão feitos no sistema de unidades a que se refere o art. 2º, item II, do Decreto-Lei número 53, de 18 de novembro de 1966, e a competente formação pedagógica ficará a cargo de unidade própria de ensino profissional e pesquisa aplicada. (BRASIL, 1967)

De acordo com Arantes e Gebran (2014, p. 5) citados por Crespi e Nóbile (2018, p. 324), o curso de Pedagogia “passou a conferir apenas o grau de licenciado, abolindo o de bacharel. A Didática, antes uma seção e, portanto, um curso à parte, se tornou disciplina obrigatória do curso”. O Parecer do CFE nº 252/69 aboliu, desta forma, a separação entre licenciatura e bacharelado, determinando disciplinas obrigatórias em um núcleo central e introduzindo a formação de especialistas em administração escolar, inspeção escolar, supervisão pedagógica e orientação escolar. Sendo que a Didática, antes uma seção optativa aos discentes, tornou-se obrigatória na forma de disciplina do núcleo comum de Pedagogia.

Entre os anos de 1973 e 1976, segundo Brzezinski (1996) foram definidas normas, princípios e diretrizes através de indicações no Conselho Federal de Educação para direcionar a formação do profissional de Educação no Brasil, parte dessas normas surgiram da Reforma do Ensino Fundamental e Médio através da Lei 5.692/1971, ainda com atuação do conselheiro Valnir Chagas.

Destacam-se o final dos anos 1970 e o início da década de 1980. Libâneo (2007, p.12-13) diz o seguinte:

[...] marca o início da campanha pela transformação do curso de pedagogia num curso de formação de professores. O arrefecimento do controle político e da censura pelos militares, junto com resistências dos setores de esquerda organizados, favoreceu a produção de pesquisas e publicações no campo da educação contra práticas autoritárias e ideológicas no regime militar. Disso resultou a realização, em São Paulo, na PUC, da Conferência Brasileira de Educação (CBE), quando já existia o chamado Comitê Pró-Participação na formação do educador, com a participação de nomes expressivos das faculdades de Educação. O que movia esse Comitê eram as críticas ao Parecer 252/69 e às indicações de Valnir Chagas, tidos como tecnicistas, destinados a consolidar a educação tecnicista baseada na racionalidade técnica, na busca de eficiência e produtividade, contra uma educação crítica e transformadora. Havia um alvo paralelo das críticas, que era a Lei 5.540 que regulava todo o ensino superior na perspectiva tecnicista.

Diante desse cenário controverso, através de lutas e movimentos, propiciou-se à educação um ambiente investigativo e reflexivo-crítico que deve fazer parte daquele que é destinado ao exercício da pedagogia.

Entre as décadas de 1960 até 1980 durante o desenvolvimento do curso de Pedagogia, Brzezinski (1996) esclarece que as faculdades monopolizavam o curso, pois detinham 88,7% dos cursos de licenciatura em Pedagogia, enquanto as universidades apenas 11,3% da oferta total. A demonstração dos dados obtidos, segundo a autora, caracteriza falta de compromisso do Estado educador com a sociedade civil, antecipando assim o financiamento da educação. As discussões sobre a formação do pedagogo destacaram-se nos anos 1980 e início dos anos 1990, entretanto, não houve mudanças significativas sendo mantido o Parecer 252/69 até aprovação da LDB Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. No período em que essa lei entrou em vigor, as Políticas Neoliberais predominavam, com imposição em especial do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI) que tinham como objetivo reduzir o Estado e fortalecer as leis de mercado em todos os setores da sociedade, inclusive o educacional.

Através da LDB 9.394/96 novos direcionamentos foram traçados para a educação e os seus profissionais. No artigo 62 definiu o grau de formação dos professores para sua atuação na Educação Básica, conforme a seguir:

Art.62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Libâneo (2007, p. 21) afirma que:

A legislação oficial foi coerente com a LDB ao criar o curso Normal Superior, os ISE e as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica. Faltavam as diretrizes curriculares para a pedagogia tal qual aparece no art. 64 da LDB, e é isso que teria que ser feito no projeto de Resolução das Diretrizes. Embora sejam admissíveis críticas a essa legislação, o fato é que definem a formação de professores de educação infantil, e da 1ª a 4ª como licenciatura, o que acho correto, e define a formação de professores para 5ª a 8ª e Ensino Médio como licenciaturas específicas independente do bacharelado.

Marteli e Manchope (2004, p.14) declaram que:

A criação dos institutos superiores de Educação, desdobramentos das políticas públicas educacionais, impregnada de princípios neoliberais, resgata a superada dicotomia entre o bacharelado e a licenciatura – impulsiona o esvaziamento do curso de Pedagogia e a

supressão da docência como sua base, transformando-o em bacharelado-, fazendo transparecer a centralização na docência.

Libâneo critica os princípios da Anfope e do Forundir (2007, p. 22), ele alega que as associações têm a mesma noção da Pedagogia que os pioneiros da Educação Nova tratando o pedagogo como o profissional que ensina crianças. No entanto, o autor indaga: “se a Pedagogia é a formação de licenciados para a Educação Infantil e Séries Iniciais, então ele é um curso normal superior. Por que, então, a Anfope recusa o Ensino Normal Superior?”

Arantes e Gebran (2014, p. 8) indicam na publicação do Decreto nº 3.276 de 06 de dezembro de 1999, que estabelece a formação em nível superior de professores junto à atuação na educação básica que fica explícito em seu art. 3º §2º, que “a formação em nível superior de professores para a atuação multidisciplinar, destinada ao magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental far-se-á exclusivamente em cursos normais superiores.”

Entretanto, segundo os autores, a escrita foi modificada pelo Decreto nº 3.554 de 07 de agosto de 2000, em seu art. 1º, §2º, que determina o curso normal superior como setor preferencial para a formação de professores da Educação Básica:

A formação em nível superior de professores para a atuação multidisciplinar destinada ao magistério na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental far-se-á, preferencialmente, em cursos normais superiores. (ARANTES; GEBRAN, 2014, p.8)

De acordo com Severo (2017) o campo de discussão do currículo de Pedagogia é considerado conflituoso, zona de disputa entre tradições acadêmicas e enfrentamentos sobre os aspectos teórico-metodológicos que até hoje constitui um enredo repleto de teorias e práticas que demonstra posições contrárias. Busca-se nesse processo histórico refletir em conformidade com os aspectos que recomendam o avanço no que tange à formação inicial do pedagogo. Nesse contexto, esses posicionamentos se referem a distintas concepções referentes ao fundamento epistemológico da Pedagogia e como devem ser encaminhados os métodos que formam o curso.

[...] que concepção de profissional? Que conteúdos preconizar? Qual a forma mais apropriada de relacionar o curso às demandas contemporâneas do campo educacional? Qual o lugar do curso na sociedade? (SEVERO, 2017, p. 979)

Essa pesquisa considera a necessidade de conciliar as leis às demandas do curso de Pedagogia, onde diante de todo esse processo demonstrado, ainda faltam ajustes conforme exposto através dos pontos de vistas de diversos autores citados nesse trabalho.

1.1 Ensino Superior Noturno no Brasil

Segundo Furlani (1998), no início dos anos de 1960 foram abertas faculdades no período noturno, a maioria instituições privadas, com a intenção de atender às demandas de estudantes excedentes, ou seja, aqueles que obtinham aprovação no vestibular para as universidades públicas, mas não eram admitidos por falta de vagas. Ocorre que, um grande quantitativo de estudantes só consegue manter-se no sistema de ensino superior através de atividades remuneradas.

De acordo com Rodrigues (2016), a Reforma do Ensino Superior em 1968 valorizava a ciência como fator de desenvolvimento econômico, no entanto, não dispunha de recursos humanos qualificados para a pesquisa e a pós-graduação praticamente não existia. Em virtude dessa realidade, as principais fontes de pesquisa não ocorriam nas universidades, o fundo público beneficiava as empresas privadas. Essa Reforma impossibilitou o acesso ao Ensino Superior público. Na tentativa de reduzir o crescente desejo de que através do Ensino Superior se obtinha ascensão social por ocupação de cargos de qualificação mais elevados, o governo criou um sistema de ensino dual, na qual a universidade pública ficaria responsável pela qualificação complexa e ao ensino profissionalizante a competência da mão de obra qualificada e barata, conforme a Lei nº 5.692/71. Porém, os sistemas de ensino não tiveram condições viabilizar as mudanças estabelecidas pela lei, que exigia modificações nas áreas pedagógicas, de infraestrutura e de qualificações de professores. Sendo assim, o ensino profissionalizante não deu certo de maneira que a Lei nº 5.692/71 foi substituída pela Lei nº 7044/82, extinguindo o caráter profissionalizante obrigatório e a habilitação profissional tornou opcional às escolas.

Rodrigues (2016) destaca que os estudantes e trabalhadores pressionavam o governo para a democratização do acesso ao ensino superior. Entretanto o governo alegava a falta de verbas para o financiamento de tal projeto. Em virtude desse fato, eximiu o Estado da oferta do Ensino Superior público, incentivando o funcionamento de instituições privadas. Dessa forma, o governo cedeu recursos públicos ao ensino privado através de concessão de bolsas, dentre outras ações, dando força ao setor privado.

Oliveira (2010, p. 2) apud Rodrigues (2016, p. 54) frisa que a escassa oferta de vagas pelas instituições públicas tinha uma alta seletividade e isso impossibilitava que os discentes advindos da classe trabalhadora frequentassem essas instituições. Portanto, o grupo que tinha acesso às instituições públicas era aquele que dispunha de uma boa condição financeira e não precisava trabalhar e estudar, tendo mais tempo de dedicação aos estudos e uma adequada preparação. Já a classe trabalhadora não tendo as devidas condições financeiras para preparar-se adequadamente na realização de um curso preparatório de qualidade e também não tem muito tempo para se dedicar-se aos estudos, pois precisou iniciar precocemente no mercado de

trabalho, optando, assim, em estudar nas universidades particulares ou ingressar em cursos considerados de menos prestígio, ou seja, menos concorridos em instituições públicas, incluindo as licenciaturas, dentre as quais está o curso de Pedagogia. E, também, em virtude do tempo de trabalho é necessário estudar no período noturno.

É por esse motivo que desde então, o acesso ao ensino superior, sobretudo em cursos noturnos, vem ampliando a categoria de estudante trabalhador, sobretudo nas IES privadas, que cresceram enormemente durante o regime militar, contando com o apoio dos recursos públicos. (OLIVEIRA, 2010, p. 2).

A lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece no art. 47, §4º que as instituições de educação superior deverão oferecer cursos de graduação nos mesmos padrões de qualidade que o período diurno, incluindo a obrigatoriedade nas instituições públicas dentro da sua previsão orçamentária.

O predomínio do período noturno no ensino superior (61,7% do total de matrículas) é reflexo da situação econômica vivenciada pelo país das últimas décadas, pois permite mais facilmente que o estudante exerça uma atividade profissional remunerada (não necessariamente associada à sua área de interesse) durante os anos de curso de graduação, de forma a obter recursos financeiros para a realização do curso, ou mesmo para apoiar economicamente sua família. O estudante que é trabalhador, do sexo masculino ou feminino, busca, sobretudo, no curso de graduação, sua formação profissional. A agregação de conhecimentos obtidos durante o curso superior, o diploma, a riqueza da vivência pessoal e os relacionamentos estabelecidos com colegas e professores, podem propiciar ao estudante maior facilidade para participar do mercado de trabalho após a conclusão do curso. (TERRIBILI, 2009, p.72-73)

É uma realidade marcante e crescente no Brasil o ensino superior noturno tanto nas instituições privadas quanto nas públicas. Cada vez mais os indivíduos sob a condição de estudante-trabalhador ou trabalhador-estudante desejam através da educação superior uma maior qualificação profissional para estarem aptos às demandas do mercado de trabalho e que tenham uma posição de maneira que ocorra ascensão social e econômica. No entanto, para uma grande parcela de alunos é um trabalho árduo, muitas vezes frustrado. O referencial teórico dessa pesquisa demonstra que existe uma forte relação entre a situação socioeconômica e escolarização.

Não por outra razão os últimos governos têm se preocupado em apoiar a permanência dos estudantes, concebendo medidas para provê-los dos recursos básicos para tal: bolsas de estudo, auxílio moradia, alimentação e transporte, dentre outras. Entretanto, acreditamos que outra ordem de carência deve ser observada: a dificuldade de ajuste entre as exigências da escolarização e a necessidade de trabalhar, vivida por contingente expressivo do alunado. Entre a intenção de um estudante que pretende ingressar na educação superior e seu efetivo ingresso, encontramos um importante obstáculo a transpor, relacionado à situação de trabalho. Por vezes o trabalho dificulta a escolarização, por vezes a ausência de trabalho impede a escolarização. Essa situação, em verdade, traduz a evidência das incompatibilidades entre estudo e trabalho, ou seja, a possibilidade ou não de uma escolaridade longa, segundo a relação do estudante com o trabalho. Em tempos de crise econômica global, o dilema trabalho-estudo ultrapassa as fronteiras, “a aquisição de formação profissional é a principal contribuição do curso, ou seja, eles vêm para a educação superior em busca de uma profissão” (RISTOFF, 2006, p. 91).

De acordo com Vargas (2000) existe uma grande parcela de estudantes da IFES que trabalha, em torno de 37,6%, e os estudantes cujo trabalho é remunerado e não está ligado ao

trabalho acadêmico são das classes C, D e E, ou seja, aqueles que têm menos condições financeiras com o quantitativo de 30,4% (ANDIFE-FONAPRACE, 2011). Segundo a autora, não há uma atenção devida por parte da legislação brasileira para esses dados significativos no que diz respeito à condição do trabalhador-estudante e estudante-trabalhador e não há clareza na legislação especificamente sobre esse perfil de discente.

1.2 O processo histórico da Faculdade de Educação da UFRJ

O curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mantido sob os cuidados da Faculdade de Educação (FE), unidade integrante do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), oferece à sociedade brasileira cuidados no âmbito educacional em vista de formar profissionais aptos a “exercer funções de magistério e de gestão na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, na Educação de Jovens e Adultos e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos”.

O curso de Pedagogia da FE/UFRJ objetiva a formação de Pedagogos/Docentes para exercer funções de magistério e de gestão na educação infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, na Educação de Jovens e Adultos e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (FE-UFRJ, 2015, p.12)

Desde seu início, que remonta ao final da década de 1960, o curso de Pedagogia passou por diversas reformulações para atender a sua missão e no ano de 1989 inicia-se a Faculdade de Educação no que concerne à Revisão Curricular do referido curso e as novas orientações sobre a formação do pedagogo naquele contexto. A identidade e função do pedagogo foram redefinidas na sociedade e, além disso, a responsabilidade da universidade quanto à formação do profissional em questão, e dois aspectos destacam-se conforme frisa a seguir o Projeto Político Pedagógico:

O primeiro dizia respeito às argumentações em defesa da docência como núcleo central da identidade profissional do pedagogo. O segundo referia-se à necessidade de se ter a formação dos professores de Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental garantida em nível superior. Simultaneamente, fazia-se a crítica à fragmentação do trabalho pedagógico e a defesa de um pedagogo “integral”. (FE-UFRJ, 2015, p.3)

Os dois aspectos destacados acima geraram discussões e sugeriram mudanças nas instituições de que o especialista não deveria assumir funções específicas sem ter conhecimento da experiência docente. Sendo assim, foi estabelecido na Faculdade de Educação da UFRJ, conforme as orientações da legislação e da Anfope, que o curso de Pedagogia deveria valorizar o magistério e assim constituiu-se a formação do professor como objetivo dessa graduação e as outras áreas são destinadas ao curso de especialização (Lato Sensu).

Um novo currículo para o curso de Pedagogia foi aprovado após longo período de debates e discussões que passou a vigorar em 1993, atendendo às exigências da época do Sistema Educacional Brasileiro. Portanto, as habilitações correspondentes à formação de especialistas foram eliminadas, permanecendo a habilitação em Magistério das disciplinas pedagógicas do Ensino de 2º grau, e inseridas as habilitações em Educação Pré-Escolar e Magistério das Séries Iniciais do 1º grau, as terminologias referidas para as essas habilitações não são mais utilizadas e foram substituídos pelos termos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Conforme frisa o atual Projeto Pedagógico o curso tem como objetivo preparar pedagogos/docentes para conhecer, analisar, discutir de forma crítica e prática os processos de ensino-aprendizagem, fundamentados num denso arcabouço teórico, a fim de preparar tais profissionais para as diversas situações apresentadas pela realidade educacional brasileira. Deste modo, a Faculdade de Educação através do curso de Pedagogia oferece um valiosíssimo serviço à sociedade, uma vez que, busca atender suas diversas realidades e necessidades, e, ainda, por outro lado, se adequando a elas tendo em vista sua missão.

1.3 O Ensino noturno na UFRJ

O esforço da democratização do acesso ao ensino superior está relacionado à oferta de cursos no período noturno para aqueles estudantes cuja necessidade tem de conciliar trabalho e estudo (HONORATO; VIEIRA; ZUCARELLI, 2018). No ano de 2014, foi realizado o Exame Nacional de Desempenho do Estudante (Enade), e o resultado foi que de 75% dos concluintes de licenciatura trabalhavam, e grande parte desse alunado cumpria o regime integral de trabalho, ou seja, 40 horas ou mais, semanalmente.

Essa é uma realidade do Ensino Superior que perdura há décadas, pois a democratização do ensino abarca um público de estudantes diferenciado sendo necessária, por parte da organização, incluindo o corpo docente a sensibilidade para com esses indivíduos, cuja realidade difere dos demais, devido a sua dupla condição de trabalhador e estudante, esse público é considerado maduro por causa da sua experiência de vida, mas também com fragilidades no que tange à vida acadêmica, pois não é fácil conciliar uma dupla jornada.

Diversa é a situação do trabalhador que estuda, pois, nesse caso, o acidente não é o trabalho, mas o estudo. O estudo aparece como contingência. O trabalhador escolhe um curso que não se incompatibilize como trabalho porque este sim exige e absorve a maior parte das energias. O trabalho faz com que o curso tenha importância acessória. No caso anterior, a necessidade de trabalhar colocava o curso em plano secundário, mas nesse caso o sucesso no trabalho realiza-se às expensas do curso. Isso não significa que ele seja abandonado, mas, simplesmente que é redefinido em termos do interesse mais amplo que o trabalho apresenta. A acomodação entre estudo e trabalho raramente redonda numa integração harmônica das duas atividades. Com frequência impõe-se uma cisão, com caráter de opção, pois as qualidades do estudo e do trabalho não têm uma medida comum de avaliação. (FORACCHI, 1977, p.51)

A Faculdade de Educação da UFRJ inicia debates e discussões referentes à expansão do Ensino Superior. Conforme Ata da Congregação de 25 de janeiro de 2005, o presidente solicita com urgência a apreciação do documento sobre a Reforma das licenciaturas por parte dos membros da congregação, documento este que deverá ser encaminhado com parecer desses membros até junho de 2005 para a Pró-Reitoria de Graduação. Em seguida na ata de 22 de março do mesmo ano é comunicada que a direção participará do Forundir, pois a principal discussão diz respeito à minuta de Resolução das Diretrizes dos cursos de Pedagogia criada pela Câmara do Conselho Nacional de Educação. E ainda nessa mesma ata, o Presidente comunica que haverá no dia 30 de março uma reunião aberta da Comissão de Apoio à Coordenação de Pedagogia, para o debate sobre a Reforma do Curso de Pedagogia, tema amplamente discutido nos contextos acadêmicos da FE e CFCH. Os referidos movimentos descritos nas atas indicam as possíveis e futuras reformas nas licenciaturas da UFRJ.

Essas reformas incluem no currículo do curso de Pedagogia também a oferta de ensino em período noturno. No entanto, essa medida seria realizável havendo algumas modificações estruturais através da democratização de ensino a todos aqueles, principalmente, aos trabalhadores que tinham o desejo da qualificação profissional através do Ensino Superior.

No primeiro semestre de 2008, a UFRJ iniciou as atividades da Pedagogia no turno noturno, já com a reformulação do currículo aprovado em 2007, de acordo com o Boletim número 26 da UFRJ de 26 de novembro de 2007. A carga horária foi modificada, os turnos (manhã, tarde e noite) foram organizados e delimitados de maneira que não atingisse o início e término de todos os turnos, disciplinas foram remanejadas, algumas eletivas tornaram-se obrigatórias e vice-versa.

É uma nova realidade para a Faculdade de Educação da UFRJ no que diz respeito à entrada dos discentes frequentadores do curso noturno, conforme cita a autora que entrevistou uma das docentes em seu trabalho monográfico.

[...] apontou como ponto negativo as consequências da entrada dos alunos que não são os alunos típicos das universidades. Esses “alunos típicos” seriam os alunos que poderiam se dedicar exclusivamente aos afazeres acadêmicos, frequentadores de bibliotecas e pertencentes a algum grupo de pesquisa. Com o ingresso à universidade de alunos com perfis diferentes, nota-se que as prioridades mudaram. Os alunos tornaram-se alunos trabalhadores. Por vezes trabalham no contraturno, e os frequentadores do curso noturno trabalham o dia inteiro. (SILVA, 2016, p. 33)

A reforma do currículo da Pedagogia contempla a adequação do perfil desse aluno com suas particularidades exigindo também da instituição à adaptação para que atenda ao discente em sua trajetória acadêmica, disponibilizando serviços, atendimentos dentre outras atividades. A nova estrutura é um desafio para ambas as partes, entretanto oportuniza perspectivas positivas para esses estudantes.

1.4 Desafios que encontrei como aluna trabalhadora no curso noturno de Pedagogia

Ao ingressar no curso de Pedagogia noturno da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sabia que teria muitos desafios para enfrentar como muitas coisas na vida. Contudo, para mim e tantos outros seriam oportunidades. No início pensava: como iria dar conta de densos textos, pois o curso demanda uma leitura contínua em todas as disciplinas? Provas, apresentação de seminários, estágios obrigatórios etc. E tantas outras coisas que deveria conciliar para ter êxito na vida acadêmica. A minha turma inicial era composta por uma grande parte de alunos que trabalhavam durante dia, como eu. Cada um com uma perspectiva positiva relacionada ao seu futuro profissional. A vida não para, enquanto estudamos e trabalhamos as coisas acontecem, como aconteceram percalços e surgiram oportunidades, para alguns os objetivos foram sendo esclarecidos e outros a rota foi modificada.

Na minha trajetória acadêmica não foi diferente, pois muitas vezes o cansaço e o desânimo bateram à minha porta. Nesse período em que estudava muitas coisas aconteceram na minha vida, boas e ruins, mas em tudo tentei aproveitar como aprendizado até mesmo palavras por parte de membros da instituição que ao invés de incentivar colocavam empecilho, entretanto hoje estou aqui!

E como a universidade tem se colocado para esses alunos? Antes de tudo, as práticas acadêmicas têm que se direcionar para a especificidade do estudante-trabalhador. Não se trata, em hipótese alguma, de “baixar o nível” da qualidade do ensino e ser conivente com o ensino reprodutivo e sem criatividade. Conforme Miguel Arroyo, a compreensão dos cursos noturnos deve estar baseada na necessidade de “... *repensar a universidade frente às novas exigências da sociedade e frente à nova função social do Estado...*” (1990:92), colocando o trabalhador, que é um estudante, como o centro de seus projetos e de sua missão institucional. (BITTAR; ORTEGA, 2016, p. 127-128)

O aluno que estuda à noite tem algumas restrições no que diz respeito à vida acadêmica, pois muitos deles, me colocando nessa situação, não podem participar ativamente de algumas atividades, como por exemplo, grupos de pesquisa, pois grande parte é oferecida durante o dia, nesse período, geralmente, o aluno do curso noturno está trabalhando.

De acordo com Bittar e Ortega (2016, p. 130), 81% dos alunos acadêmicos frequentadores do curso noturno da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) não participaram de nenhum tipo de atividade de pesquisa, fato que não surpreendeu a Universidade em questão, que compreende estas ações como dedicação exclusiva, pois através delas são prestados pela Universidade inúmeros serviços à comunidade local e regional. Essa realidade é frequente nas demais universidades bem como a UFRJ e outras instituições públicas, pois dessas pesquisas derivam ações que beneficiam a sociedade.

Muitas ações na Faculdade de Educação, que não se restringem somente à UFRJ, foram realizadas para contemplar o aluno do curso noturno na tentativa de fazer com que esse estudante em especial tenha oportunidade de participar de alguma atividade oferecida pela Universidade,

ainda que restrita, como a Semana da Educação, a Jornada de Iniciação Científica, dentre outras. Essas atividades são importantes para enriquecer a trajetória acadêmica bem como a complementação do currículo para fins de registro. Algumas atividades complementares eram por mim realizadas em fins de semana ou folgas e até mesmo nas férias.

O curso de Pedagogia tem sua especificidade, pois além da carga horária de disciplina obrigatória e eletiva a cumprir, tem a demanda dos estágios obrigatórios tornando uma questão de discussão, pois é um desafio para o público que estuda e trabalha.

Contudo, é interessante notar, que, ao mesmo tempo em que a Faculdade de Educação prepara pedagogos/docentes que se adequem às demandas de cada época, ela, por sua vez, também parece estar sujeita às realidades dos seus discentes, de modo especial aos alunos do curso noturno. Estes, em sua maioria, como se torna cada vez mais frequentes nos cursos de ensino superior são alunos-trabalhadores¹. Consequentemente, apresentam um desafio peculiar para a universidade, pois conciliar o trabalho em turno integral e as demandas da universidade, muitas vezes, parecem incongruentes. Considerando, ainda, que o atual cenário apresenta um desafio que muitas vezes parece opor discentes e a instituição, não é pretendido simplesmente encontrar razões para culpabilizar um dos lados, contudo refletir em ações que beneficiem ambos os lados resultando em profissionais cada vez mais preparados.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso no currículo proposto a teoria está intimamente ligada à prática e não pode ser de outra maneira, pois entende que para alcançar um grau elevado em educação, é necessária a associação entre essas áreas. A formação de um profissional autônomo e crítico com a capacidade de análise da realidade e busca de soluções em seu campo de atuação, incluindo os desafios da educação brasileira está relacionada com as disciplinas cujo objetivo é que os alunos tenham experiências investigativas.

De certa maneira, o aluno na condição de trabalhador já experimenta em sua realidade a busca de soluções em seu campo de atuação no trabalho, seja ou não na área de educação, cabe a ele identificar na formação da academia através da sua análise, utilizar ou não no seu cotidiano.

A função da Universidade, nesse caso, é aprofundar sua formação profissional, trazendo ao debate as relações de trabalho como tema fundamental para compreensão de sua função social e de sua identidade profissional, fazendo-o reconhecer-se como profissional da educação, no sentido mais amplo, mas identificando de modo inequívoco, as especificidades que caracterizam sua atuação como gestor, mas nunca deixando de tomar como princípio sua inserção como profissional que tem no ensino seu eixo fundamental de atuação. (FE-UFRJ, 2015, p. 14)

O aluno trabalhador se depara com diversas demandas seja da atividade profissional durante o dia ou da faculdade à noite. Ademais, o currículo do curso de Pedagogia da UFRJ exige um conjunto de componentes curriculares, tais como as práticas de ensino e estágio

¹TAVARES, Elen Machado. **Curso noturno de pedagogia: universidade para trabalhadoras/es?**. 2010. página 3

supervisionado, exigidos do 5º período ao 9º período. Estas são compostas por duas partes. A base teórica ocorre em sala na própria faculdade e a parte prática nas escolas. Desta forma, o discente tem a possibilidade de estagiar em diversas áreas do ensino a fim de experienciar o cotidiano da escolar da educação básica. Portanto, sem o cumprimento das disciplinas práticas não é possível concluir a graduação. Segue abaixo parte da organização do Projeto Pedagógico do Curso:

5º Período	EDWU21	Prática de Ensino Magistério de Disciplinas Pedagógicas no Ensino Médio	100 horas de estágio	60 horas de prática
6º Período	EDWU24	Prática em Política e Administração Educacional	100 horas de estágio	60 horas de prática
7º Período	EDWU11	Prática de Ensino em Educação Infantil	100 horas de estágio	60 horas de prática
8º Período	EDWU01	Prática de Ensino Séries Iniciais do Ensino Fundamental	100 horas de estágio	60 horas de prática
9º Período	EDWU25	Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Educação de Jovens e Adultos	100 horas de estágio	60 horas de prática

Fonte: FE-UFRJ, 2015, p. 33

Grande parte dos estágios deverá ser cumprida em horário diurno (manhã ou tarde), ou seja, durante o expediente do trabalho. No meu caso, a chefia autorizou um dia da semana por meio período (manhã ou tarde) para cumpri-los, ou seja, em alguns casos ultrapassou o semestre para que fosse cumprida a carga horária de 100 horas conforme exposto acima, pois o ideal era que fosse pelo menos duas vezes por semana para o cumprimento dessa carga dentro do semestre, mas, em meio aos desafios, consegui concluir todos os meus estágios. E os demais alunos trabalhadores do curso noturno da Faculdade de Educação da UFRJ como fazem? Que estratégias utilizam para conciliar trabalho, aula e estágios obrigatórios?

1.5 Pesquisas realizadas sobre o universo do aluno trabalhador

A análise de pesquisas já realizadas serve de embasamento e contextualização no que diz respeito ao universo do aluno que trabalha e que grande parte desse alunado opta pelo turno noturno devido a sua condição trabalhista.

O ensino superior noturno se constitui possibilidade única para o trabalhador que deseja prosseguir em seus estudos sem abandonar seu emprego. É por esse fator que os cursos noturnos atraem um grupo cada vez mais expressivo da classe trabalhadora. De acordo

com o INEP (2014), do total de 6.486.171 de alunos matriculados no ensino superior em 2001, 4.089.248 alunos frequentavam o turno noturno; em sua maioria, privado. Como consequência, os esforços para a democratização do acesso ao ensino superior público à classe trabalhadora se concentram na ampliação de vagas no referido turno. Tanto que a lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – no capítulo específico sobre a educação superior, no art. 47, §4º, se estabelece que a oferta do ensino noturno é obrigatória nas instituições públicas. (RODRIGUES, 2016, p. 78)

A oportunidade a esse tipo de aluno não se restringe somente às universidades privadas, conforme demonstra acima, através da tentativa do Estado para democratização do acesso ao ensino superior que ampliou a oferta através da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatório o turno noturno também nas universidades públicas.

Considerando que tanto o trabalho quanto o estudo são atividades que demandam grandes exigências, o que leva ao indivíduo que já trabalha e recebe para o seu sustento querer estudar?

Há o desejo de mudar e a consciência da realidade. Assim, ambos os sentimentos coexistem e, até que ocorra uma possibilidade concreta de mudança, o trabalho fica de certa forma “preservado, poupado”, porque representa a própria condição de sobrevivência e a possibilidade de estudar desse trabalhador. (SPOSITO, 1989. p. 37).

Além disso, há autores que citam a inversão das atividades na relação de trabalho e estudo, pois antigamente estudava-se para trabalhar, mas para muitos se trabalha para poder estudar.

Se em condições normais, o estudo deveria preceder ao trabalho, de modo que, somente após completada a formação escolar e profissional, o estudante passasse a exercer a atividade profissional, a realidade dos fatos, emergente das condições sócio-econômicas, reúne frequentemente, na pessoa do trabalhador, a dupla condição de empregado e estudante. Inverteram-se de há muito, os termos da proposição; em lugar de estudar para poder trabalhar, trabalha-se para poder estudar. (GONÇALVES, 1987, p.11)

Nem todos os jovens que estudam têm condições de ingressar e/ou completar a graduação, sem trabalho, pois mesmo que a universidade seja pública há despesas nesse percurso. Além disso, a relação entre estudo e trabalho, conforme demonstra abaixo parecem incompatíveis.

Entre a intenção de um estudante que pretende ingressar na educação superior e seu efetivo ingresso, encontramos um importante obstáculo a transpor, relacionado à situação de trabalho. Por vezes o trabalho dificulta a escolarização, por vezes a ausência de trabalho impede a escolarização. Essa situação, em verdade, traduz a evidência das incompatibilidades entre estudo e trabalho, ou seja, a possibilidade ou não de uma escolaridade longa, segundo a relação do estudante com o trabalho. (VARGAS; DE PAULA, 2013, p.465)

A relação entre estudo e trabalho é uma realidade cada vez mais latente, principalmente no Brasil, pois a sociedade exige através do mercado de trabalho um grau de escolarização elevado para obter sucesso em sua profissão e a obtenção de salários justos. O indivíduo tem

esse direito de galgar os degraus elevados, entretanto para que isso ocorra não depende somente dele, mas sim de todo o contexto ao qual está envolvido.

2 CONHECENDO O ESTUDANTE DO CURSO NOTURNO DE PEDAGOGIA DA UFRJ

Após a contextualização histórica e a relação com as pesquisas realizadas no que diz respeito à realidade do aluno que trabalha, dedico esse capítulo à análise do questionário aplicado composto por 35 questões direcionado aos discentes do curso noturno de Pedagogia da UFRJ. Esse recurso metodológico está voltado principalmente àqueles que dedicam grande parte do dia ao trabalho e estudam à noite e, proporcionou dados interessantes a essa pesquisa sobre o percurso acadêmico dos discentes. A sua divulgação foi feita através de rede social e da Plataforma Siga com o auxílio da coordenação da Pedagogia. Em sua primeira parte, o enfoque foi quantitativo trazendo dados estatísticos que lançam ou confirmam hipóteses. Na segunda parte, o enfoque é qualitativo, esse método auxilia no aprofundamento das questões quantitativas para melhor compreensão do objeto de pesquisa estudado. O motivo pelo qual escolhi aplicar o questionário através da rede social e também da Plataforma Siga foi a impossibilidade de comparecimento à Faculdade de Educação para abordagem dos alunos em lócus devido à pandemia do COVID-19, entretanto, acredito que o alcance da rede social é maior.

Na minha percepção houve pouco retorno por parte dos alunos. Assim que foi feita a divulgação na rede social tiveram alguns comentários positivos dos discentes demonstrando interesse em participar da pesquisa, bem como aqueles que mostraram certa resistência com receio de responder as questões, pois algumas delas poderiam facilmente identificá-los. Diante disso, tivemos um total de 12 formulários respondidos num prazo de 20 dias. A partir da contribuição desses sujeitos, iniciou-se a análise dos questionários. Reiterando a extrema relevância que foi essa pesquisa a participação e colaboração desses sujeitos.

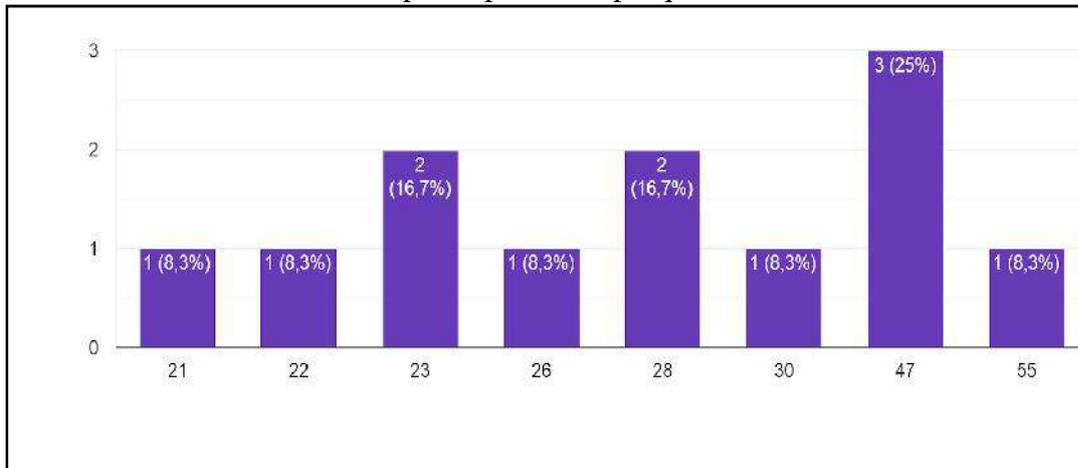
2.1 Perfil dos alunos trabalhadores do curso noturno de Pedagogia da UFRJ

Segundo os dados obtidos no questionário desta pesquisa, foi possível identificar uma parte do perfil dos discentes trabalhadores do curso noturno de Pedagogia da UFRJ. Os elementos obtidos se relacionam entre idade e gênero, estado civil, onde estudou no Ensino Médio, nível de instrução dos pais, bem como o ano de ingresso na universidade.

Observou-se que a maioria dos respondentes, 66,8% deles, está na faixa dos 21 a 30 anos de idade, seguidos da faixa etária de 47 a 55 anos com 33,3%. Isto representa que todos os entrevistados já são adultos, além disso, demonstra a diversidade de alunos inseridos nas universidades. Tem aqueles discentes que deram continuidade à vida acadêmica logo em seguida da vida escolar, ou seja, sem interrupção. Partindo da introdução na vida acadêmica obtém um trabalho remunerado ou até mesmo findar a universidade para inserir-se no mercado de trabalho,

a depender da sua condição social. Em contrapartida, tem os discentes que tiveram que se inserir no mercado de trabalho antes de ingressar na vida acadêmica.

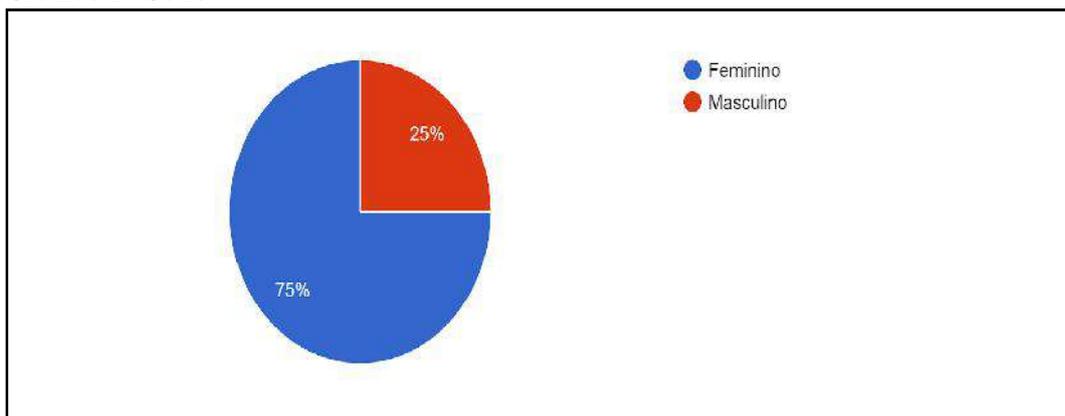
Gráfico 1- Idade dos discentes participantes da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020

Referente ao sexo, as mulheres são maioria, constituindo-se em 75% do total da amostra, enquanto que os homens estão representados por 25% do total dos estudantes da pesquisa. Segundo último Censo de Educação Superior divulgado pelo Inep em 2017, o número de matrícula das mulheres no curso de Pedagogia é muito maior que o número de matrícula dos homens, ou seja, 660.917 mulheres matriculadas, para 53.428 homens matriculados. A relação entre essa pesquisa e o Censo demonstra que o curso de Pedagogia é majoritariamente atendido pelo público feminino.

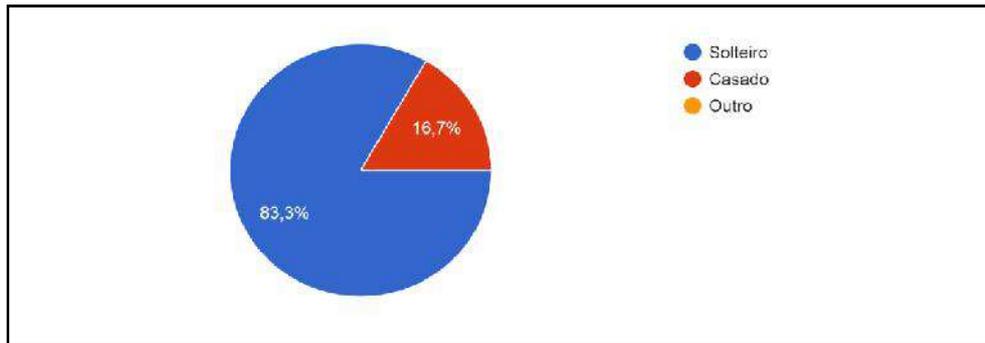
Gráfico 2- Sexo



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020

Com relação ao estado civil, a maior parte dos estudantes considera-se solteiro representando 83,3% das respostas, enquanto que os casados representam 16,7% da amostragem.

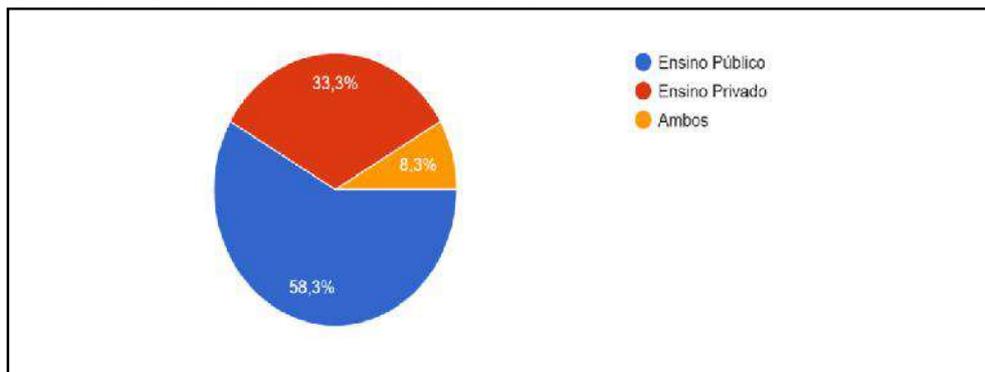
Gráfico 3- Estado civil dos estudantes



Fonte: Dados de Pesquisa, 2020

No que se refere à trajetória escolar dos discentes, aqueles provenientes de instituições públicas são representados por 58,3%, em instituições privadas representam 33,3% do total e os que estudaram nas duas instituições, representam 8,3%.

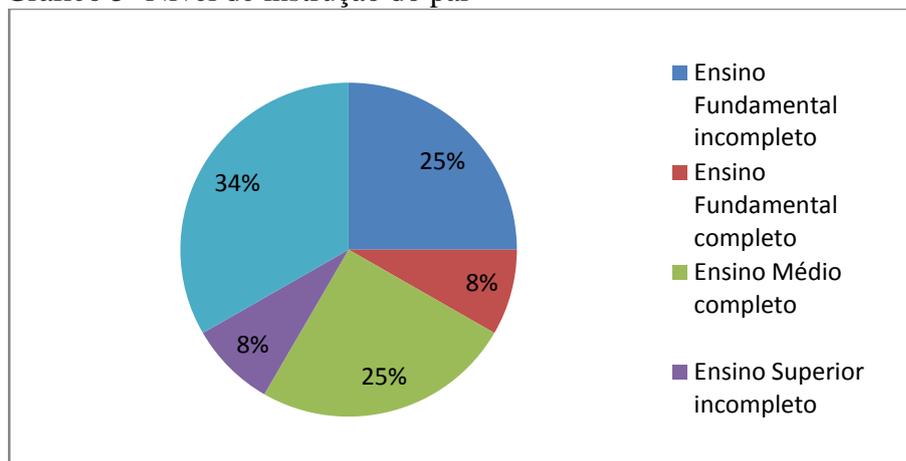
Gráfico 4- Onde cursou o Ensino Médio?



Fonte: Dados de Pesquisa, 2020

Prosseguindo com o perfil, no que se refere ao nível de instrução do pai, predomina o Ensino superior completo com o total de 25% e os demais, ou seja, Ensino fundamental completo e incompleto, Ensino Médio completo e incompleto e Ensino Superior completo ficaram com mesmo quantitativo demonstrando 8,3% dos pesquisados.

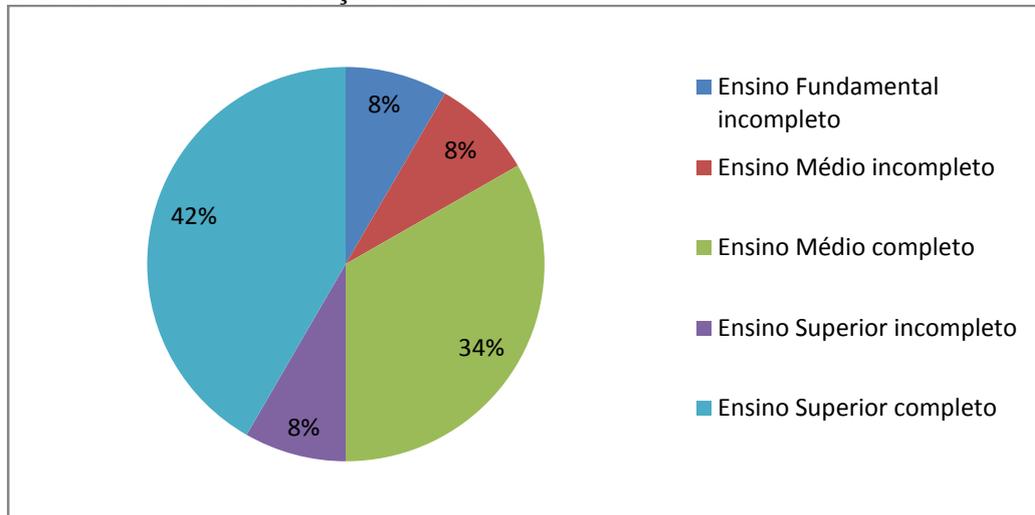
Gráfico 5- Nível de instrução do pai



Fonte: Dados de Pesquisa, 2020

Em relação ao nível de instrução da mãe também sobressai o Ensino Superior completo, que corresponde a 42%, em seguida do Ensino Médio com 34% e os demais níveis de escolaridade 8% do total dos respondentes.

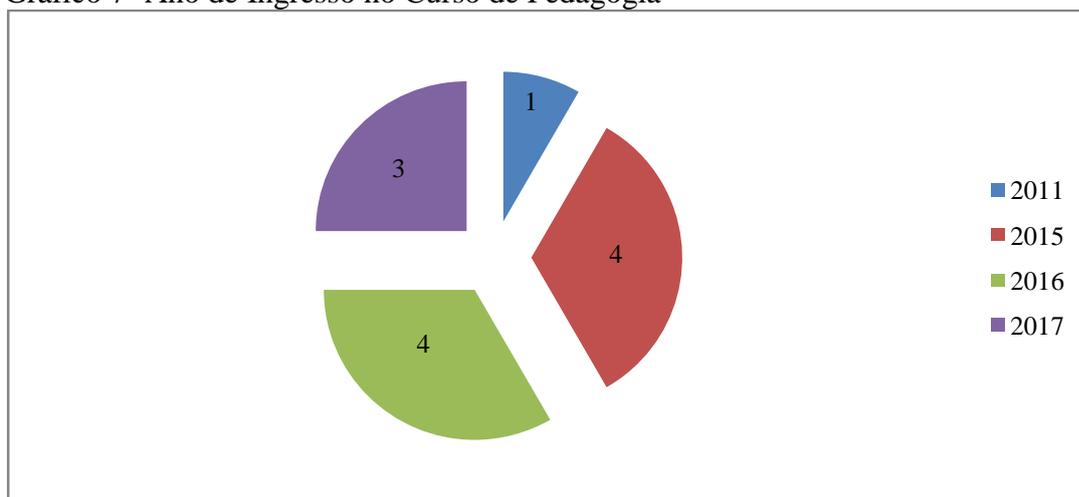
Gráfico 6- Nível de instrução da mãe



Fonte: Dados de Pesquisa, 2020

Na pesquisa foi questionado aos discentes o ano de ingresso no curso de Pedagogia. Constatou-se que a maioria dos entrevistados ingressou no ano de 2015 (33,3%), nos anos de 2016, 2016.2 e 2017 (16,7%) cada e por fim nos anos 2017.2 e 2011 (8,3%) cada.

Gráfico 7- Ano de Ingresso no Curso de Pedagogia



Fonte: Dados de Pesquisa, 2020

Percebe-se que através dos dados acima há somente um aluno que pelo ano de ingresso já deveria ter concluído a graduação, os demais alunos estão no prazo, considerando que o turno noturno tem duração recomendada de 10 períodos, ou seja, cinco anos.

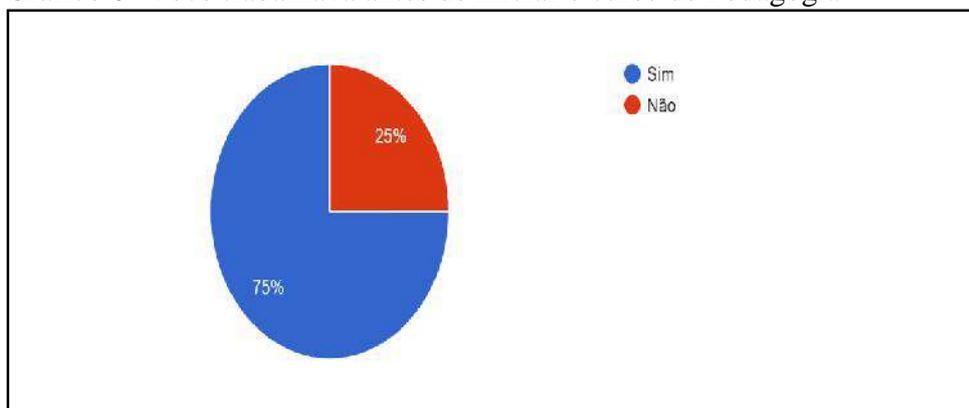
Qual será a dificuldade que esse aluno teve para não concluir o curso no tempo recomendado? Até mesmo os discentes que estão dentro prazo, será que eles têm alguma dificuldade que poderá atrasar o término da graduação? Essa pesquisa busca subsídios para responder esses questionamentos e os dados na sequência podem lançar luz sobre os fatores de dificuldades comuns aos alunos do curso de Pedagogia noturno.

A próxima questão indagou a respeito do propósito pelo qual os discentes iniciaram o curso superior. Os doze discentes responderam de acordo com o seu interesse e dessa maneira serão agrupadas as respostas semelhantes. A maior parte das respostas evidenciou a busca por melhores oportunidades no mercado de trabalho e, conseqüentemente, obter uma melhor condição financeira. Dentre as demais respostas verifica-se que a graduação representa também adquirir conhecimento, complemento da formação e atualização, além da satisfação pessoal e ponte para cursos de pós-graduação.

Portanto, dois pontos são evidentes: primeiramente, a graduação está profundamente ligada a um retorno financeiro que proporciona melhor qualidade de vida e, por outro lado, um anseio pela qualificação profissional obtida através do conhecimento acadêmico. Como consequência geral há uma alta expectativa de satisfação pessoal.

A seguinte questão foi: o aluno trabalhava antes de iniciar o curso? A resposta afirmativa corresponde a 75% dos discentes e os demais responderam não, representando 25% dos discentes.

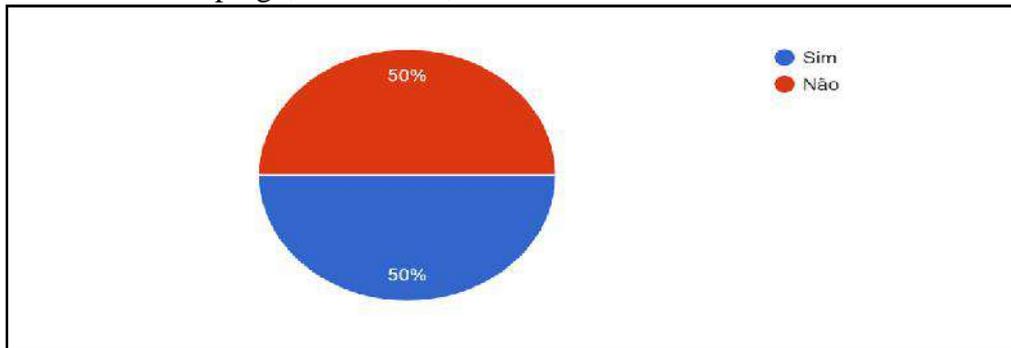
Gráfico 8- Você trabalhava antes de iniciar o curso de Pedagogia?



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020

Prosseguindo, a seguinte questão levantada foi: o emprego era o mesmo quando iniciou o curso? A resposta foi equânime entre sim e não, representando 50% cada.

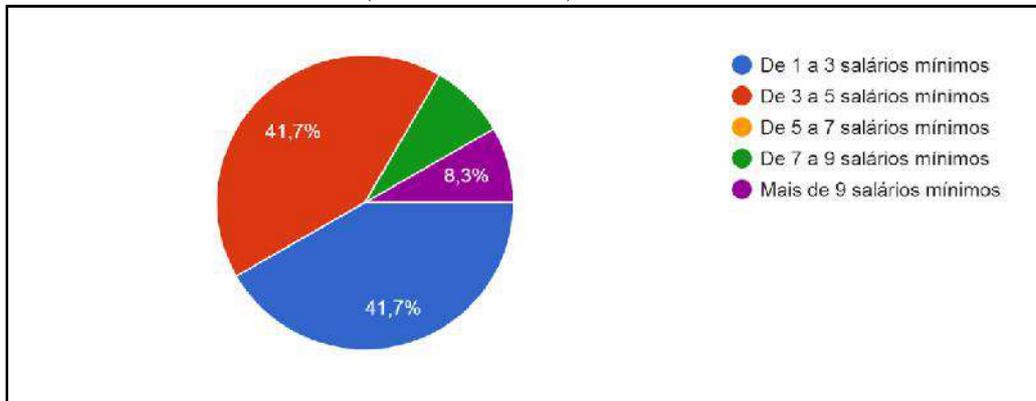
Gráfico 9- O emprego, atualmente, é o mesmo antes iniciar o curso?



Fonte: Dados de Pesquisa, 2020

Essa questão revela mudanças na vida dos alunos, mesmo aqueles que não trocaram de emprego, pois para dar início à vida acadêmica em concomitância ao trabalho é algo que gera transformação para o indivíduo em suas diversas nuances.

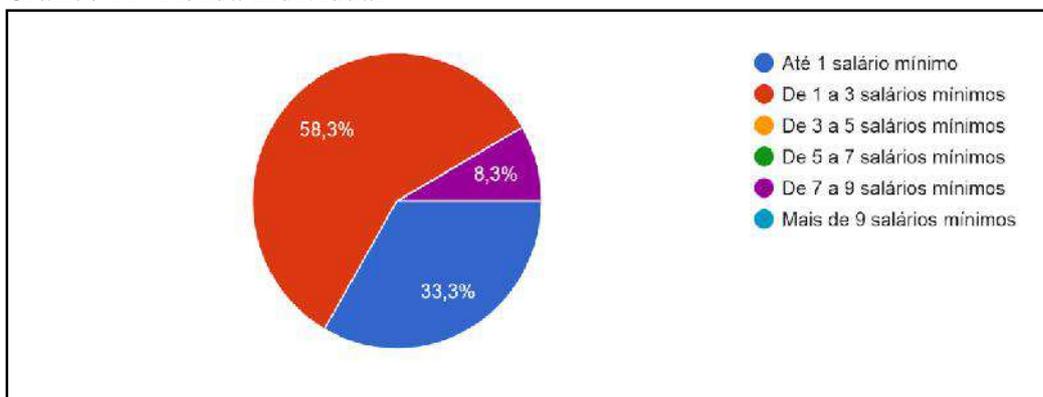
Gráfico 10- Renda familiar (incluindo a sua)



Fonte: Dados de Pesquisa, 2020

No que se refere à renda familiar incluindo a do discente, 41,7% dos respondentes dispõe de um até três salários mínimos para sobrevivência, os outros 41,7% de três até cinco salários mínimos, 8,3% de sete a nove salários mínimos e a outra parcela de 8,3% mais de nove salários mínimos.

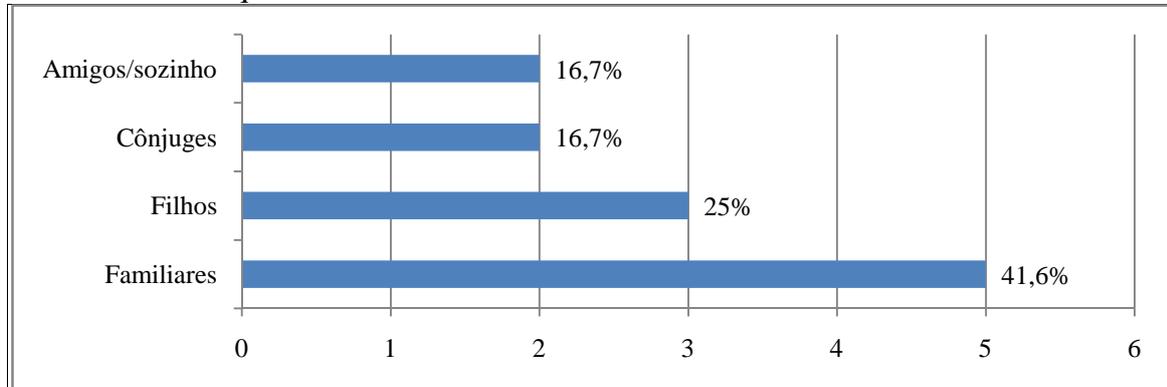
Gráfico 11- Renda Individual



Fonte: Dados de Pesquisa, 2020

No gráfico 12 a análise foi feita sobre a renda individual do discente, 58,3% recebe de um até três salários mínimos, 33,3% dos discentes recebem até um salário mínimo e os demais, totalizando 8,3% recebe de sete a nove salários mínimos.

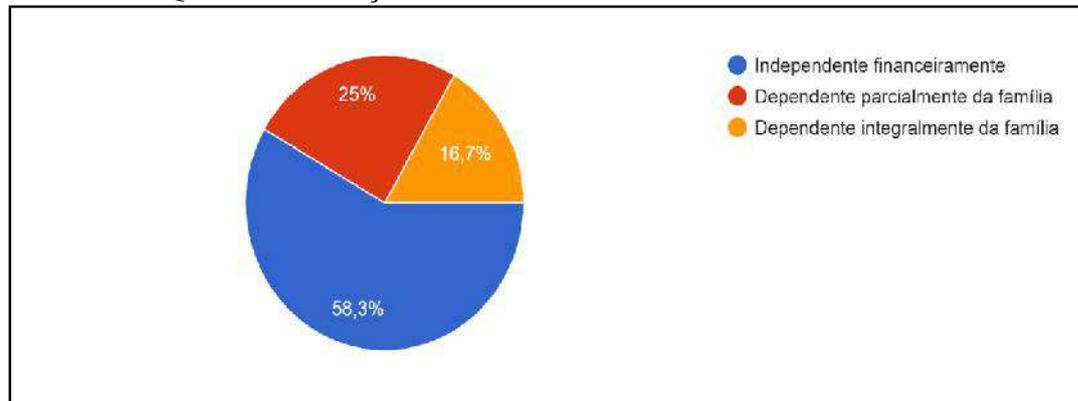
Gráfico 12: Com quem você mora?



Fonte: Dados de Pesquisa, 2020

O gráfico 12 demonstra as respostas dos discentes sobre quem mora com eles, grande parte deles mora com familiares considerando pais, avó, irmã, tia, prima que totaliza 41,6% dos entrevistados. Os discentes que moram com seus cônjuges são 16,7%, ainda tem aqueles que moram somente com os filhos representando 25% da pesquisa e também os que moram sozinhos ou com amigos que são 16,7%.

Gráfico 13: Qual a sua situação econômica?

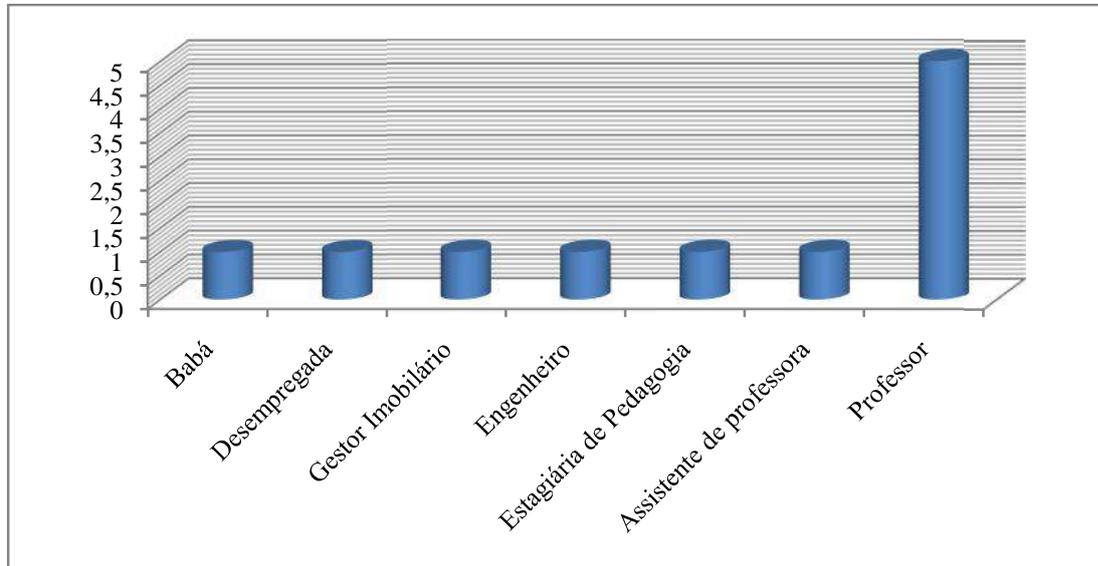


Fonte: Dados da Pesquisa, 2020

A respeito da condição financeira dos estudantes, a fim de identificarmos os perfis de estudante-trabalhador, trabalhador-estudante e estudante em tempo integral, verificou-se que 58,3% dos alunos são independentes financeiramente (trabalhadores-estudantes), 25% dependem parcialmente da família (estudantes-trabalhadores) e 16,7% dependem totalmente da família. Conclui-se então que, grande parte dos alunos dessa pesquisa que são do curso noturno de Pedagogia da UFRJ já trabalha, a maior parte se considera independente financeiramente da família, a outra parte se considera parcialmente dependente financeiramente, ou seja, verifica-se

a predominância de trabalhadores-estudantes e estudantes-trabalhadores, seguindo o mesmo padrão das pesquisas já citadas neste trabalho.

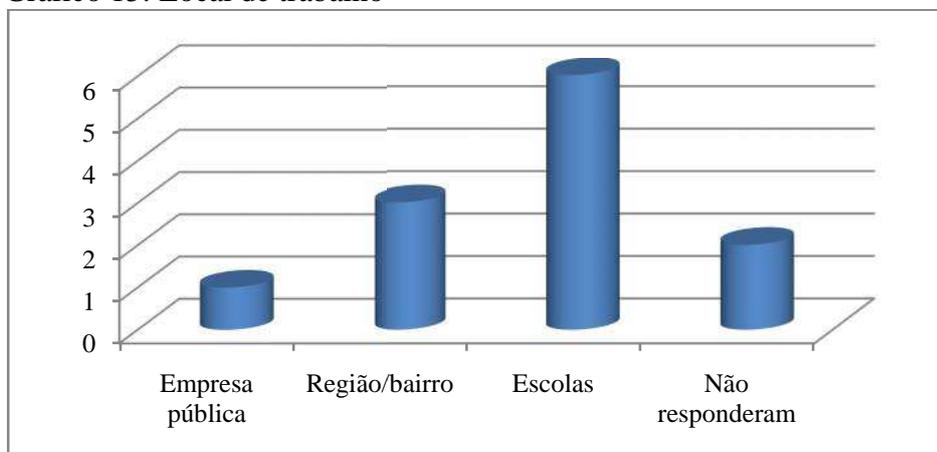
Gráfico 14: Profissão



Fonte: Dados de Pesquisa, 2020

No que se refere à profissão dos discentes, verifica-se que grande parte já atua na área de educação, bem como estagiária de Pedagogia (uma pessoa), assistente de professor (uma pessoa) e professor (cinco pessoas). Os demais discentes atuam em diversas áreas como demonstra o gráfico, engenheiro, gestor imobiliário e babá. Teve também uma discente que atualmente encontra-se desempregada e outro que não respondeu à questão.

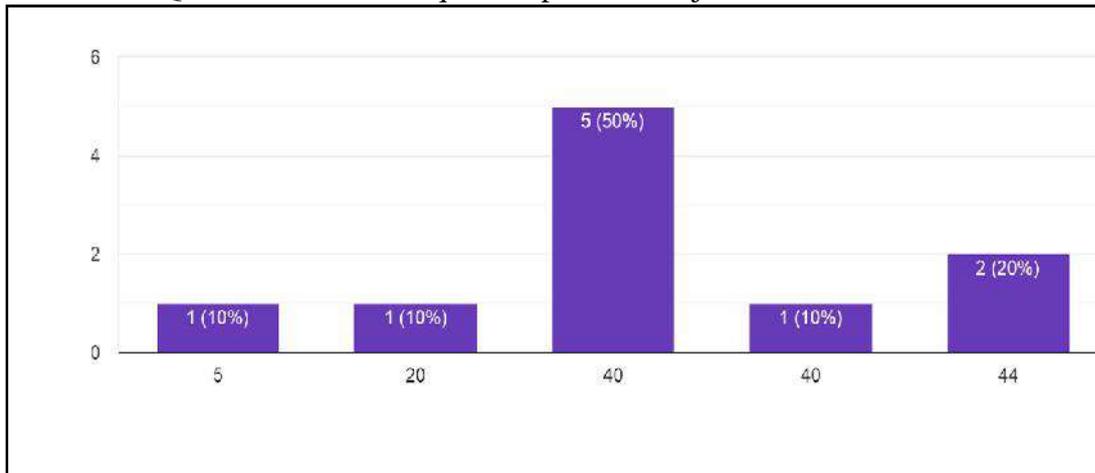
Gráfico 15: Local de trabalho



Fonte: Dados de Pesquisa, 2020

Sobre o local de trabalho, grande parte trabalha em ambientes escolares como escolas, espaço de educação (seis pessoas), uma pessoa trabalha em órgão governamental, três pessoas responderam a região do trabalho e duas pessoas não responderam à questão.

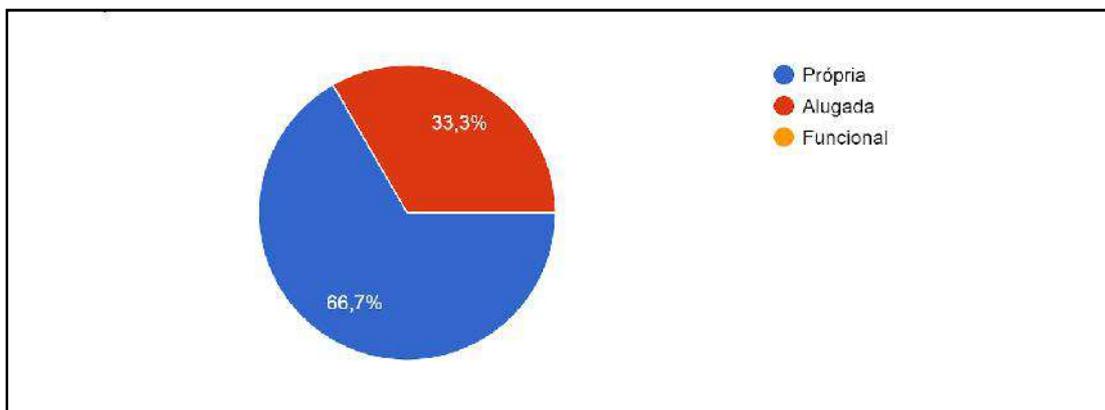
Gráfico 16: Quantidade de horas que compõem a sua jornada de trabalho



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020

Grande parte dos discentes tem uma duração da jornada de trabalho semanal de 40 horas ou mais e isso demonstra a necessidade de cursar uma faculdade no período noturno, pois é o horário que tem disponível devido ao trabalho. De acordo com o Censo de Educação Superior, o número de matrículas entre os anos de 2007 a 2017 no período noturno vêm crescendo substancialmente, em todos esses anos a matrícula do noturno foi maior que o diurno.

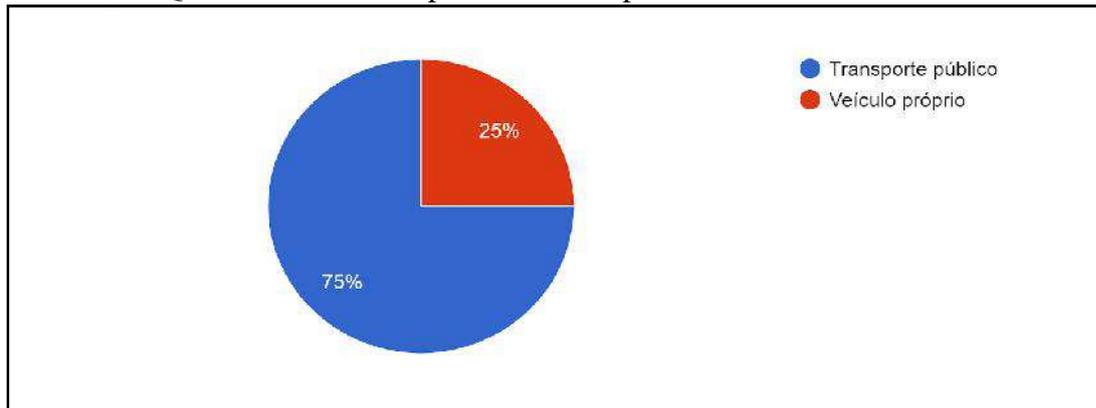
Gráfico 17: A casa onde você mora é:



Fonte: Dados de Pesquisa, 2020

A maior parte dos discentes possui moradia própria totalizando 66,7% das respostas e os demais têm moradia alugada com 33,3% das respostas.

Gráfico 18: Qual o meio de transporte utilizado para deslocamento até a Faculdade?



Fonte: Dados de Pesquisa, 2020

Qual o meio de transporte utilizado para deslocamento até a Faculdade? A maior parte dos alunos respondeu que utilizam transporte público totalizando 75% das respostas e 25% utilizam veículo próprio.

2.2 Escolhas e realidade do aluno que trabalha

Analisaremos a seguir o que levou os trabalhadores-estudantes do curso noturno de Pedagogia a optarem pela UFRJ, o desejo de ingressar em uma faculdade e as necessidades que tiveram para conciliar trabalho e estudo durante o percurso acadêmico, segundo relatos dos próprios sujeitos da pesquisa.

Quais os motivos que os levaram à escolha pelo curso superior de Pedagogia na UFRJ? As respostas foram majoritariamente a qualidade e excelência de ensino e formação, instituição renomada no país e com peso institucional. A instituição, de fato, é bem aceita no mercado de trabalho. Segue abaixo uma resposta de um dos discentes no que tange também a essa escolha:

“Bagagem de formação e intelectual que a universidade proporciona ao aluno.”

Desta forma, diante dessas questões constata-se que a UFRJ é uma instituição de Ensino Superior de grande importância para a sociedade e que muitos desejam ingressar nela devido à sua qualidade de ensino, bagagem cultural e reconhecimento em todo o território nacional.

No tocante à escolha do curso de Ensino Superior em período noturno, identificou-se que as razões em sua maioria são em função de trabalho durante o dia.

O ensino superior noturno tornou-se a única possibilidade para o indivíduo que trabalha e que tem o desejo de estudar sem abrir mão do seu emprego. Esse é o motivo que torna cada vez maior a oferta do curso noturno, principalmente, para esse público trabalhador. De acordo com o Inep (2017), do total de 6.529.681 dos alunos matriculados no Ensino Superior em 2017, 3.888.812 frequentavam o turno noturno, em sua maioria nas instituições privadas.

Na próxima questão foi relatada uma situação concreta em que os discentes tiveram dificuldades para conciliar o trabalho e a faculdade e a estratégia utilizada para vencer esse obstáculo. Alguns alunos relataram que tiveram a necessidade de trancar disciplina ou até mesmo todo um período, pois percebiam que não estavam conseguindo atender às demandas tanto do trabalho como da faculdade. Houve caso em que o discente optou em pedir demissão do emprego para dedicar-se à faculdade, conseguindo um estágio remunerado em sua área, considerou a sua escolha melhor, pois, apesar de ganhar menos, tinha mais tempo para dedicar-se à universidade. Os alunos também relatam o cansaço, a falta de tempo para ler os textos e uma estratégia utilizada era o auxílio dos seus colegas de turma para que nos dias de atraso ou falta devido ao trabalho fizesse a reposição da matéria, além de ler os textos nos fins de semana ou algum intervalo durante o seu dia. Percebe-se que é recorrente o cansaço desses alunos, bem como a falta de tempo para dedicar-se exclusivamente aos estudos. Essa questão corrobora o que diz Mendes (1986) que caracteriza o aluno na condição de trabalhador como mais cansado devido a sua longa jornada de trabalho. Almeida (1998, p. 24) sobre o cotidiano do aluno que estuda à noite afirma que

Mais do que nunca, os alunos do período noturno têm de conciliar trabalho escola, conciliação que traz um desgaste cotidiano – poucas horas de sono, dificuldades com transporte, falta de tempo para comer, pouco tempo com a família, privação ou postergação de alguns bens de consumo [...].

Existem situações nesse percurso que são difíceis para administrar, muitos alunos não conseguem dar conta das demandas exigidas pelo trabalho e faculdade e nessa questão foi solicitado aos sujeitos que descrevessem alguma situação em que usaram algum tipo de estratégia, mas mesmo assim não conseguiram compatibilizar o estudo e trabalho, um dos alunos respondeu que fazia troca de turno com os colegas de trabalho para chegar a tempo nas aulas e/ou estudar, outro abdica de tempos livres e/ou folgas para estudar, mas mesmo assim não foi o suficiente. Portanto, suas respostas foram similares à questão anterior relacionadas ao excesso de trabalho e em consequência disso não dispõe de tempo para estudar além do cansaço ocasionado por essas exigências.

Parece razoável supor, e nossa experiência profissional confirma, que grande parte das dificuldades e mesmo do insucesso escolar de nossos alunos recaem sobre a dificuldade de conciliação entre estudo e trabalho. Desperdiçamos anualmente e cassamos todos os dias os sonhos de milhares de estudantes esgotados, frustrados e impotentes perante obrigações de trabalho e escolares inconciliáveis. (VARGAS; DE PAULA, 2013, p. 468)

As autoras afirmam que esses estudantes abandonados à própria sorte se deparam com o estímulo ao ingresso no Ensino Superior. Entretanto, as leis e políticas brasileiras não amparam o suficiente esse público seja para a redução das desigualdades sociais ou pela democratização do ensino superior. As mesmas consideram que a Legislação brasileira não ampara suficiente o estudante nessa condição comparando às leis de outros países como Portugal e Cuba.

A próxima questão indagou aos estudantes qual a necessidade que os levou a ter que conciliar trabalho e estudo. Por que ele não ficou somente estudando ou somente trabalhando? Alguns responderam que a necessidade foi o sustento familiar, ordem financeira e incremento de renda além de auxílio nas despesas de casa. Seguem algumas das respostas:

“No início era mera questão de experiência e depois para ter uma autonomia financeira. Mas foi uma escolha e não necessidade.”

“De conseguir uma promoção no trabalho e a possibilidade de fazer um concurso público na minha área.”

“Pois quero ter uma carreira no futuro pra talvez ganhar um salário um pouco melhor do que o oferecido pra quem não tem formação.”

“Somente estudar não consigo, pois preciso me manter. Somente trabalhar não me fará chegar a lugar algum, somente tornar os outros ricos.

Analisando as respostas acima nota-se que o indivíduo no seu trabalho almeja ascensão profissional bem como social, para isso é necessário um contínuo processo de formação. Ocorre que normalmente quanto maior o nível de formação, maior o salário, tendo como exemplo as instituições públicas, pois na conclusão dos cursos de pós-graduação (Especialização, Mestrado ou Doutorado) dá-se entrada ao processo de titulação tendo assim um aumento de salário. No mercado de trabalho em geral a formação é fundamental. Além disso, para muitos o trabalho é imprescindível à sua subsistência e da família, por isso optam também por essa dupla jornada.

2.3 Estratégias dos alunos para conciliação entre estudo e trabalho

Nesta seção, visamos identificar as estratégias que os sujeitos utilizam para conciliar as atividades acadêmicas e trabalho, levando em consideração que o curso de Pedagogia tem estágios obrigatórios e pelo menos três dos cinco estágios devem ser cumpridos durante o dia. Por fim, refletir sobre as vivências nesse percurso acadêmico que é o objetivo dessa pesquisa.

A questão levantada foi qual estratégia utilizou o discente para conciliar trabalho, estudo e as práticas de ensino. Algumas respostas são similares, por exemplo, os alunos postergam as práticas para o final do curso pelo fato terem menos disciplinas e poderem organizar melhor o tempo. Além dos discentes utilizarem as férias no trabalho para efetuarem as práticas e, até mesmo aquele que fez acordo com a empresa onde trabalhava para demiti-lo e poder realizar o estágio. Complemento essa questão com a minha experiência pessoal, pois na empresa em que presto serviço fui liberada em um dia da semana por meio período para realizar os estágios concomitantes ao horário do expediente. Ocorreu que a maior parte deles não foi possível concluir no semestre letivo e acabava ultrapassando o seguinte, que é previsto pela universidade, contudo foi possível somente dessa maneira concluí-los. Seguem alguns relatos:

“Estudo no final das noites e final de semana. Práticas somente pude realizar durante minhas férias de trabalho.”

“A única prática que consegui fazer até agora de Ed. Infantil, eu consegui fazer um acordo com a última empresa que trabalhei para ser demitida e receber todos os meus direitos para poder passar o semestre focando só na faculdade.”

“Deixar de cursar algumas disciplinas para concluir as práticas no noturno. Outras práticas só podem ser feitas durante o dia, ficarão para o final do curso, quando não tiver mais disciplina a ser cursada.”

Percebe-se que essa é uma dificuldade de grande parte dos discentes que trabalham para cumprir as práticas de ensino exigidas pela universidade visto que grande parte realiza-se durante o dia. É importante salientar que o trabalho também deveria constituir-se como campo de atuação para o saber pedagógico já que para (CRUZ, 2011, p. 201) “[...] ser pedagogo requer fazer Pedagogia, ou seja, teorizar sobre educação, projetar, implementar, acompanhar e avaliar processos educacionais em diferentes contextos”. A autora ressalta a importância do trabalho pedagógico em outros ambientes além da escola.

Indagamos porque os espaços de trabalho das alunas não são aproveitados como espaços de pesquisa, partindo do princípio, sobretudo que as relações pedagógicas, por isso, educativas, não se dão apenas em espaços escolares, mas se constituem amplamente nas relações sociais de produção e, para isso, o trabalho enquanto processo formador é tema gerador de muitas compreensões da Pedagogia, embora não reconhecido formalmente nos currículos. (TAVARES; MACHADO, 2014, p. 14)

A próxima questão diz respeito às dificuldades durante o percurso acadêmico. Ressaltando em suas falas mais uma vez os horários dos estágios, o não cumprimento do curso no tempo estimado devido ao excesso de atividades. Além da falta de opções de atividades, como extensão nos fins de semana ou à noite para conclusão da carga horária. Lamentam também que a faculdade tem muito a oferecer, entretanto não aproveitam em virtude da falta de tempo para realizar tais atividades. Destacamos algumas dessas falas.

“A falta de opção de atividades de extensão nos finais de semana e à noite na faculdade e os estágios obrigatórios.”

“Diversas! A Universidade tem muita coisa para me oferecer e eu não consigo aproveitar a metade.”

Portanto, reiteram-se nessa questão os grandes desafios enfrentados por esses discentes em virtude da conciliação do trabalho e das exigências acadêmicas que não são ínfimas. (VARGAS; DE PAULA, 2013, p.468) diz “[...] Parece razoável supor, e nossa experiência profissional confirma, que grande parte das dificuldades e mesmo do insucesso escolar de nossos alunos recaem sobre a dificuldade de conciliação entre estudo e trabalho.

Prosseguindo, na análise do percurso acadêmico, perguntou-se aos entrevistados se tiveram apoio e/ou orientação por parte da instituição, das doze respostas oito foram sucintas, quatro responderam sim e as outras quatro não. Os demais descreveram com mais detalhes, conforme a seguir:

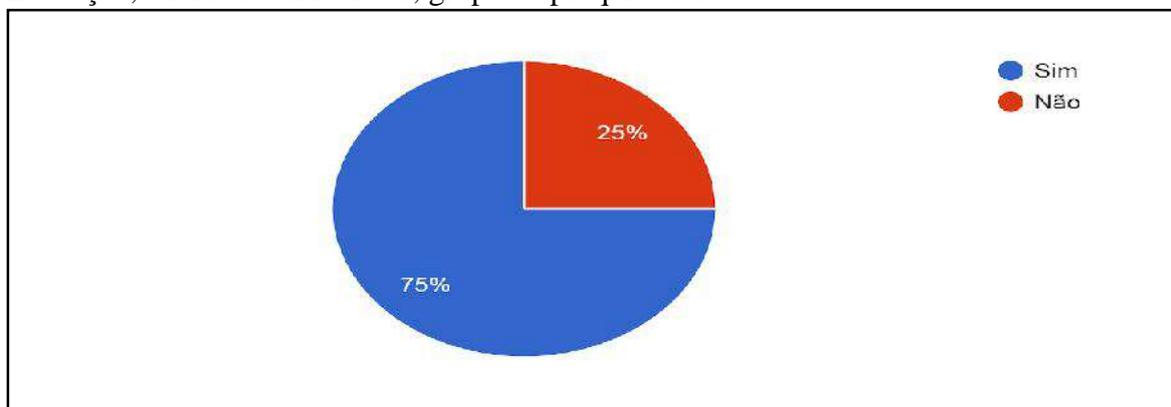
“Nunca procurei, mas eles sempre estavam abertos em ajudar”

“Não! Fui reprovada em uma disciplina por chegar três minutos atrasada na prova, pois estava trabalhando e tive que buscar um documento com outra professora. Já quis trancar o período quando abandonei, mas não permitiram, pois já tinha passado do prazo de trancamento.”

“Acredito e espero que a UFRJ haja com bom senso e equilíbrio”

Observando as respostas acima, verificou-se a existência de divisão de opiniões entre os entrevistados no que diz respeito ao apoio e/ou orientação por parte da universidade, considerando que cada discente tem uma questão específica. Desses que responderam negativamente, não há como saber o porquê dessa falta de orientação por parte da instituição. De qualquer maneira é interessante a reflexão sobre essa questão.

Gráfico 19: Você costuma participar das atividades oferecidas pela Faculdade como a Semana de Educação, atividade extraclasse, grupo de pesquisa etc.?



Fonte: Dados de Pesquisa, 2020

Os entrevistados foram questionados sobre a participação das atividades oferecidas pela Faculdade, como a Semana de Educação, atividades extraclasse e grupos de pesquisa etc. Contatou-se que 75% dos discentes participam de alguma atividade e 25% não participam. Importante ressaltar que algumas atividades como a Semana de Educação, Jornada de Iniciação Científica dentre outras, quando ocorrem, as aulas das disciplinas que acontecem ao mesmo tempo são substituídas pela atividade. Dessa maneira o aluno tem oportunidade de participar, no entanto, é necessário de alguma forma justificar a sua presença ainda que seja um relatório sobre a atividade que participou.

Complementando a questão acima, foi questionado como se dá a participação das atividades oferecidas pela Faculdade. Seguem alguns relatos:

“Apresentando trabalhos.”

“Quando os professores liberam sempre vou. Mas sempre de ouvinte. No início da graduação quando eu não trabalhava, eu participei de algumas organizações de eventos e amava, mas trabalhando não sobra tempo e energia.”

“Participo apenas da Semana de Educação e Siac.”

Grande parte dos relatos confirma a questão apontada acima que a participação dos discentes em determinadas atividades são aquelas substituídas pelas aulas, pois o indivíduo que trabalha durante o dia e estuda à noite não pode participar integralmente das atividades, principalmente aquelas que são oferecidas em concomitância com a aula ou o trabalho.

Prosseguindo a análise, perguntou-se ao entrevistado como a sua experiência profissional o auxilia no curso. Seguem alguns de seus relatos:

“Me faz ter mais prática, certeza da profissão e ter exemplos mais palpáveis para teorias acadêmicas.”

“Possibilita conciliar o dia a dia da escola com aquilo que é teorizado na universidade.”

“Mostra que muita teoria não funciona na prática, mas a prática não seria nada sem a teoria que aprendi em sala de aula.”

“De várias formas. Tiro muitas dúvidas e consigo fazer uma boa relação entre a teoria e a prática. Uma das razões que me fazem continuar na faculdade foi ter me encontrado no mercado de trabalho.”

É interessante notar que as respostas dos discentes são similares, pois grande parte deles diz que a prática ajuda na compreensão da teoria, também aproveitam do aprendizado na universidade para aplicar em sua prática cotidiana, desde a organização dos estudos até a compreensão da escolha do curso de Pedagogia como oportunidade promissora de trabalho. Lembrando também que alguns dos alunos dessa pesquisa já atuam na área da Educação, contudo é importante frisar que o campo da Pedagogia é vasto e não necessariamente deve ser utilizado em ambientes escolares como demonstram em outras pesquisas.

Com trajetórias formativas e profissionais partindo de diferentes tempos e espaços da Pedagogia, os sujeitos pesquisados demonstraram que as práticas que desempenham mobilizam diversos saberes que atravessam o campo pedagógico e envolvem também campos interdisciplinares em que se situam temáticas como política e legislação social,

gestão de projetos, etc. Tal condição confirmou a versatilidade que se exige do pedagogo quanto ao domínio e aplicação dos recursos que darão inteligibilidade às práticas e pautarão as decisões pedagógicas sobre metodologias e técnicas de ação. (SEVERO, 2017, p. 987)

A questão seguinte aborda como os entrevistados acham que os conteúdos aprendidos em sala de aula podem ser utilizados no trabalho. Seguem algumas das respostas:

“Acho que para a gente não entrar em automático e ir reproduzindo uma forma de ensinar. No curso eu aprendi a questionar e sempre perceber meus métodos e buscar melhorar. Além de me fazer olhar para os estudantes com outro olhar, percebendo suas individualidades e bagagem cultural.”

“Análise individual dos estudantes e seu nível de maturidade/desenvolvimento.”

“Os conceitos envolvidos comparando com o que eu vejo nos meus alunos.”

“A prática pedagógica pode ajudar (em muito) a forma como conduzir, em alguns casos reuniões”

“Com mais ideias, teorias concretas e uso dos textos para resolução de problemas reais.”

Na análise dessa questão percebe-se a atenção que os discentes têm na prática cotidiana e pelas suas falas nota-se o cuidado da relação dessa prática com o referencial teórico oferecido no curso. A compreensão dos discentes corrobora com o Projeto Pedagógico do Curso que descreve a teoria não dissociada à prática, mas que somente é obtido um nível elevado de educação com a conexão desses campos.

A presença de disciplinas que preparam os alunos para experiências investigativas relaciona-se com a intenção de formar um profissional autônomo e crítico, capaz de analisar a realidade e buscar as soluções em seu campo de trabalho, enfrentando os grandes desafios da educação brasileira. (FE-UFRJ, 2015, p. 11)

Na análise dessas duas questões os sujeitos expuseram os aspectos que estimulam e desestimulam tanto em seus respectivos trabalhos quanto na faculdade. Percebe-se que o estímulo no trabalho é o resultado positivo no que diz respeito ao aprendizado de seus alunos, seja de crianças ou adolescentes, a possibilidade de estabelecer parcerias, além de estar realizando trabalho algo que se aprende na universidade, ou seja, teoria associada à prática. Em contrapartida o desestímulo é a desvalorização da profissão, a educação considerada simplesmente como uma mercadoria. Além da falta de sensibilidade e didática por parte de alguns educadores nas escolas que atuam.

“O trabalho com adolescentes é um estímulo e o que me desestimula é a falta de valorização da profissão.”

“O que me estimula muito são as crianças, ver o crescimento delas. O que me desestimula muito é a escola ser privada e a mercantilização da educação. Muitas vezes sinto que o dinheiro acaba indo antes do pedagógico.”

Nessa questão foi tratado o que estimula e desestimula o discente na faculdade, a intenção é obter respostas para uma melhor compreensão dos aspectos positivos e negativos, podendo identificar pontos para futuras melhorias, tanto por parte do discente quanto por parte da instituição. Seguem alguns dos relatos:

“Me estimula ter amigos, ter espaço para diálogo, professores que te incluem nos debates e você aprende de verdade por experienciar situações. O que me desmotiva são as aulas monótonas que parecem não ter sentido, burocracias desnecessárias que dificultam a vida dos estudantes.”

“O que me estimula é a possibilidade que a formação me dispõe ao ingressar no mercado de trabalho. O que me desestimula é o turno noturno virar “integral”, em determinada altura da graduação (com alta carga horária em extensão, práticas de ensino), impossibilitando conciliar trabalho formal e a formação dentro do tempo proposto pela grade curricular. E, também, a distância da pesquisa e extensão da Universidade em relação às práticas nas escolas públicas e seus profissionais.”

“Me estimula estudar com pessoas e professores que sejam humanos e que acreditem na educação transformadora, encontrar amigos, aprender e trocar, perceber e me perceber alguém capaz de mudar as coisas ao meu redor. Me desestimula ter que lidar com professores arrogantes e sem didática, cheios de regras e nenhuma flexibilidade.”

Os estímulos são diversos bem como a formação e os seus benefícios, o contato com colegas e professores e suas trocas nas aulas e outras atividades. Em contrapartida o que desestimula é a burocracia, professores exigentes demasiadamente e que deixam a desejar no que diz respeito à didática. Além das excessivas horas de atividades complementares e práticas de ensino tornando um fator agravante para o atraso do término do curso no tempo previsto, considerando aqueles alunos que trabalham e estudam. No que diz respeito à excessiva carga horária, relato de um dos discentes, assunto já abordado nessa pesquisa que justifica que esse ponto é um fator de atraso para a conclusão do curso, principalmente para aqueles que têm dupla jornada, ou seja, que trabalham e estudam.

[...] quando encontrados fatores relacionados à formação tida na FE-UFRJ, ao cumprimento de exigências do curso de Pedagogia e à diversidade de oportunidades de atuação é possível perceber nestas razões o tema trazido por Libâneo (2006) sobre as diretrizes curriculares do curso de Pedagogia. Nestas situações, são observadas as maneiras contraditórias pelas quais o currículo deste curso pode ser aproveitado, enquanto no decorrer do presente trabalho foram apresentadas críticas ao modo como a graduação referida era organizada, esta mesma graduação também é vista como algo motivador e importante para a permanência do estudante. (SILVA, 2016, p. 64)

Essa questão aborda como os discentes acham que o trabalho pode auxiliar nas dificuldades enfrentadas. Seguem algumas respostas:

“A maturidade para resolver dificuldades eminentes.”

“Acho que na questão burocrática. Porque você entende mais esse meio e vai mais preparada para suas dificuldades.”

“Financeiramente trazendo um pouco mais de qualidade de vida.”

“Meu trabalho me ensina constantemente o que sempre podemos fazer para melhorar a produção de um órgão público.”

“Acho que não pode.”

Analisando as questões respondidas, o trabalho auxilia de alguma forma as dificuldades enfrentadas nesse percurso seja uma visão burocrática ou até mesmo a tomada decisão pelo fato de uma experiência em determinada área de atuação, ainda que não seja a área de educação, pois de alguma forma o conhecimento e experiência em um ramo complementa a atuação em outro. Além da questão financeira, pois sem o trabalho até mesmo a universidade pública pode ficar comprometida, pois apesar de não ter mensalidades há despesas nesse contexto como material, passagem etc. Tem o discente que acha que o seu trabalho não auxilia em suas dificuldades na universidade, acredito que seja devido à disparidade das áreas, por exemplo, estuda Pedagogia, mas, em seu trabalho atua no comércio. Para isso reflète Sampaio, Limongi e Torres (2000, p. 21):

sem dúvida, existe uma diferença muito grande entre um(a) estudante empregado(a) como secretário(a) ou vendedor(a) que mantém suas atividades profissionais enquanto cursa uma faculdade de Direito e um(a) jovem que entra para um escritório de advocacia durante o curso.

E, por fim, essa questão aborda de que maneira os entrevistados acham que a Faculdade pode auxiliá-los nas dificuldades enfrentadas. Seguem algumas respostas:

“Fornecendo informações e tirando dúvida, que porventura possam surgir.”

“Repensar a estrutura curricular e a assistência estudantil.”

“Possibilitando o aluno apenas realizar a regência do estágio obrigatório na escola escolhida.”

“Talvez diminuir as horas de extensão.”

Percebe-se em algumas respostas certas reivindicações à instituição para que através dessas solicitações tenham um suporte maior e os auxiliem nas dificuldades enfrentadas no percurso acadêmico. Mais uma vez é pedido que seja revista a estrutura curricular, incluindo a diminuição das horas de extensão, bem como a assistência ao aluno. É interessante a universidade repensar a estrutura curricular especificamente para esses alunos, principalmente as demasiadas horas de extensão ou outras atividades. Miguel Arroyo (1992, p.92) compreende que os cursos noturnos devem ter como base a necessidade de “... repensar a universidade frente às novas exigências da sociedade e frente à nova função social do Estado...”, colocando o trabalhador-estudante, como o centro de seus projetos e de sua missão institucional.

Considerações Finais

A presente monografia pretendeu investigar os desafios dos discentes trabalhadores do curso noturno do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para esse fim, foram analisadas as respostas dadas a um questionário por 12 discentes.

Chego ao fim de um processo de pesquisa no que diz respeito ao percurso acadêmico desses alunos trabalhadores. Este fim, no entanto, não representa o fim das questões abordadas no estudo. Procuo, neste momento, refletir sobre os diversos assuntos tratados e, talvez, ir ao encontro de novos questionamentos, que estarão à espera de novas concepções.

Inicialmente, foi apresentada a minha trajetória escolar através do memorial para a introdução do tema. Em seguida, no primeiro capítulo para compor essa pesquisa, foi investigado o contexto histórico do curso de Pedagogia no Brasil demonstrando o seu desenvolvimento com a abordagem de leis e decretos para a sua normatização, além da necessidade de implementação do turno noturno. Compreendendo que esse campo é complexo e ainda gera muitas discussões e oposições nos aspectos teórico-metodológicos, ou seja, algumas questões podem ser aprofundadas promovendo uma maior compreensão dos múltiplos aspectos que compõe o tema. Ademais, o estudo demonstrou o processo de formação do curso de Pedagogia na UFRJ, partindo do pressuposto de que os discentes pertenciam à instituição, sendo assim, constituindo um processo fundamental para o conhecimento da história e de sua composição.

Partindo da análise e somando à avaliação dos relatos dos alunos expressa através do questionário, buscou-se clareza nos múltiplos desafios da exigente relação entre estudo e trabalho, temas intimamente ligados. É um objeto de pesquisa bastante delicado e atual, que merece uma maior atenção por parte dos educadores, para que nesse contexto haja trocas de conhecimentos e experiências, bem como destaque na complexidade desse fenômeno.

Aprofundando as leis e diretrizes que regem a questão do aluno que trabalha, percebe-se que há uma lacuna nesse assunto e que não tem a devida atenção por parte desses documentos, ou seja, o Estado não ampara o suficiente o indivíduo que estuda e precisa trabalhar. O mercado de trabalho exige cada vez mais a formação do sujeito para determinadas funções. Portanto as consequências desses requisitos levam às escolhas desse sujeito em ter que conciliar concomitantemente o estudo e trabalho, no entanto, essa opção requer um grande esforço e frequentes renúncias para conseguir galgar o grau desejado.

Foi ainda considerada nessa pesquisa a minha vivência, uma vez que sou aluna trabalhadora do curso de Pedagogia da UFRJ e nesse percurso me deparei com inúmeros desafios até chegar ao fim da graduação. Como trabalhar, estudar e atender a essa dupla

demanda? Eu tive minhas estratégias, mas dependi do auxílio de outros, inclusive do meu trabalho para concluir algumas etapas. Em um dos exemplos foi a realização do estágio obrigatório em horário de trabalho, eu tive a autorização e colaboração por parte da chefia e dos colegas para cumprir essa exigência, alguns dos sujeitos dessa pesquisa não tiveram essa oportunidade, por exemplo, utilizando das férias ou até mesmo abdicando do trabalho para a conclusão da graduação, dentre outras situações. Por essas experiências que escolhi realizar o estudo desse tema, pois tive o desejo de conhecer as situações e desafios enfrentados pelos discentes nessa trajetória.

O curso de graduação, principalmente, o de Pedagogia demanda uma extensa dedicação à leitura e estudo, por se tratar de um vasto conteúdo teórico, além das disciplinas com exigência da prática. Entretanto, trata-se de alunos que estudam à noite e se dedicam à atividade empregatícia, ou seja, têm um tempo reduzido para dedicar-se aos estudos. O que os sujeitos dessa pesquisa relataram? Observou-se que os respondentes são na maioria trabalhadores e, de fato, dedicam pouco tempo aos estudos. Esses discentes, unanimemente, optaram pela graduação em turno noturno pelo fato de terem maiores oportunidades no mercado de trabalho e, por consequência, uma melhor condição financeira. De acordo com dados demonstrados, a oferta do curso superior noturno torna-se cada vez mais crescente para o público trabalhador gerando perspectiva de melhores oportunidades de trabalho.

Percebeu-se que mesmo os alunos estudando à noite, ainda tiveram dificuldades para conciliar o estudo e trabalho, pois ambas as atividades exigem dedicação, tendo caso de aluno que optou em pedir demissão do emprego para dar continuidade à graduação. Além de outro caso de que o aluno escolheu trancar por um período o curso devido à exigência do trabalho.

Além disso, conforme demonstrado, o curso de Pedagogia tem uma especificidade no que diz respeito às disciplinas que exigem os estágios obrigatórios, tornando ainda mais desafiador ao discente trabalhador, considerando que alguns estágios são realizados durante o dia, horário que deveria estar trabalhando. O interessante foi notar que alguns tiveram de utilizar as férias para cumprir os estágios ou tiveram aqueles que postergaram para o final do curso, ou seja, ainda não tem ideia como realizará para cumprir tal exigência, considerando o atraso na conclusão da graduação.

Observou-se que os discentes são atentos ao seu cotidiano relacionando a experiência teórica aprendida no curso com o seu campo de atuação, ou seja, em suas práticas, de alguma maneira o aprendizado tornou-se uma ação. Alguns deles são estimulados através do aprendizado que transmitem aos seus alunos, contudo, se entristecem pela falta de reconhecimento da profissão do educador, além da mercantilização do campo da educação, infelizmente muitas escolas não se preocupam com o bem integral do indivíduo, visam somente o retorno financeiro.

Os discentes em seu curso de formação valorizaram todo o aprendizado obtido, a troca entre os professores e seus colegas, contudo, algo que citaram como um fator desestimulador foi excessiva carga horária, principalmente do turno noturno equiparando ao período integral, além da burocracia em determinadas questões. Esse assunto merece uma devida atenção por parte da instituição, considerando que tem uma grande responsabilidade sobre a formação desses discentes, partindo do pressuposto de que a escolha pela UFRJ foi devido à sua qualidade de ensino e caráter formativo, significando o teor de sua importância na vida desses discentes.

Conclui-se que o tema estudado não se encerra nessa pesquisa, tratou-se de um assunto relevante e que cabe o surgimento de novas questões, além do interesse no aprofundamento da relação estudo e trabalho e suas implicações. São inúmeras instituições de Ensino Superior, como a UFRJ, no Brasil, considerando o curso de Pedagogia, que recebem estudantes trabalhadores carecendo de atenção, pois diariamente transpassam inúmeras barreiras e desafios para a conclusão da graduação com a perspectiva de um futuro profissional promissor.

Referências

ALMEIDA, Laurinda R. *Curso noturno: uma abordagem histórica*. São Paulo: FDE, 1998, p. 17-28. Idéias, 25.

ARANTES, A. P. P, GEBRAN, R. A. *O curso de pedagogia e o processo de formação do pedagogo no Brasil: percurso histórico e marcos legais*. Holos, São Paulo Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), Ano 30, v. 6 Artigo submetido em setembro/2013 e aceito em dezembro/2014

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Federal Nacional de Educação. Projeto de Resolução do CNE. Brasília, DF, 2005.

BRZEZINSKI, I. *Pedagogia, pedagogos e formação de professores: busca e movimento*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

CRESPI, L.; NÓBILE, M.F. *Trajetória Histórica do Curso de Graduação em Pedagogia: Principais Documentos Legais e Contexto Atual da Oferta No Brasil*. Revista Eletrônica de Educação. v. 12, n. 2, p. 319-335, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2309/707>. Acesso em: 27/05/2020.

FONSECA, T. M. M. *Ensinar – Aprender Pensando a Pedagogia Prática*. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Programa de Desenvolvimento Educacional.

LIBÂNEO, J. C. *Diretrizes Curriculares da Pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores*. Cadernos Cedes, Campinas, n. 96 – Especial, p.843-876, out.2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

LIBÂNEO, J. C. *A pedagogia em questão: entrevista com José Carlos Libâneo*. In: Olhar de professor, Ponta Grossa, (10-1), 11-33, 2007. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/684/68410102.pdf> Acesso em: 10/12/2019.

MARTELLI, A; MANCHOPE, E. *A história do curso de Pedagogia no Brasil: da sua criação ao contexto após LDB 9394/96*. Revista Eletrônica de Ciências da Educação. (3-1), 01-21, 2004. Disponível em: <http://revistas.facecla.com.br/index.php/reped/article/view/517> Acesso em: 02/03/2020.

MENDES, Armando. *O ensino superior noturno e a democratização do acesso à universidade*. Debates e Propostas INEP. Mesa Redonda. Brasília, 1986. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 67, n. 157, p. 617-647, set-dez/1986.

SELIGMAN, Martin E. P. *Florescer: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar*/Martin E. P. Seligman; tradução Cristina Paixão Lopes – Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SEVERO, J. L. R. L. *Sobre pedagogia e pedagogos em espaços não escolares: apontamentos desde uma síntese de investigação empírica*. Perspectiva, Florianópolis, v. 35. N.3. p. 978-995, jul./set. 2017. Disponível em <http://perspectiva.ufsc.br>

TAVARES, E. M; BEZERRA, C. L, SILVA, K. *Ensino superior noturno: a pedagogia e as trabalhadoras/estudantes.* Disponível em http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1841-0.pdf.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Projeto Pedagógico de Curso.* Curso de Licenciatura em Pedagogia. Disponível em http://www.educacao.ufrj.br/portal/modal.php?url=graduacao/anexos_pedagogia/PPC%20atualizado%202014%202015.pdf.

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo&Itemid=30192. Acesso em 17 de setembro de 2020.

Anexo:

Pesquisa direcionada aos alunos trabalhadores do curso noturno de Pedagogia da UFRJ

Caro discente,

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre as vivências dos alunos trabalhadores que cursam o turno noturno de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A sua contribuição é de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa. A sua identidade será preservada.

Desde já agradeço pela compreensão e colaboração.

1- Idade:

2- Sexo:

Feminino Masculino

3- Estado civil:

Solteiro Casado Outros, qual? _____

4- Onde cursou o Ensino Médio:

Ensino Público Ensino Privado Ambos

5- Nível de instrução do pai: _____

6- Nível de instrução da mãe: _____

7- Ano de Ingresso na Pedagogia: _____

8- Para quê quis iniciar o Curso superior?

9- Você trabalhava antes de iniciar o curso?

10- O emprego é o mesmo antes de iniciar o curso?

11- Renda familiar (incluindo a sua): _____

12-Renda individual:_____

13-Com quem você mora?

14- Qual a sua situação econômica:

- Independente financeiramente
- Dependente parcialmente da família
- Dependente integralmente da família

15- Profissão:_____

16- Local de trabalho:_____

17- Quantidades de horas semanais que compõem a sua jornada de trabalho:_____

18- A casa onde você mora é:

- Alugada Própria Funcional
- Outros, cite:_____

19-Qual o meio de transporte que utiliza para deslocamento até a Faculdade:

- Transporte público Veículo próprio

20-Quais os motivos que levaram a escolher a Universidade Federal do Rio de Janeiro para cursar o ensino superior?

21- O que o levou a querer cursar uma faculdade no período noturno?

22-Descreva uma situação concreta em que você teve dificuldade para conciliar trabalho com a faculdade. Que estratégias você usou?

23-Descreva alguma situação em que você usou de estratégias e mesmo assim não conseguiu compatibilizar trabalho com a faculdade.

24- Qual a necessidade que o levou a ter que conciliar trabalho e estudo? Por que não ficou somente estudando ou somente trabalhando?

25- Qual a estratégia utilizada para conciliar trabalho, estudo e as práticas de ensino?

26- Quais são as maiores dificuldades enfrentadas no percurso acadêmico?

27- Você teve apoio, orientação por parte da instituição?

28- Você costuma participar das atividades oferecidas pela Faculdade como a Semana de Educação, atividades extraclasse, grupos de pesquisa etc.?

() Sim () Não

29- Como você participa das atividades citadas acima?

30- Como sua experiência profissional te auxilia no curso?

31- Como você acha que os conteúdos aprendidos em sala de aula podem ser utilizados no trabalho?

32- O que te estimula e desestimula no trabalho?

33- O que te estimula e desestimula na Faculdade?

34- Como você acha que o trabalho pode auxiliar nas dificuldades enfrentadas acima?

35- Como você acha que a Faculdade pode auxiliar nas dificuldades enfrentadas acima?